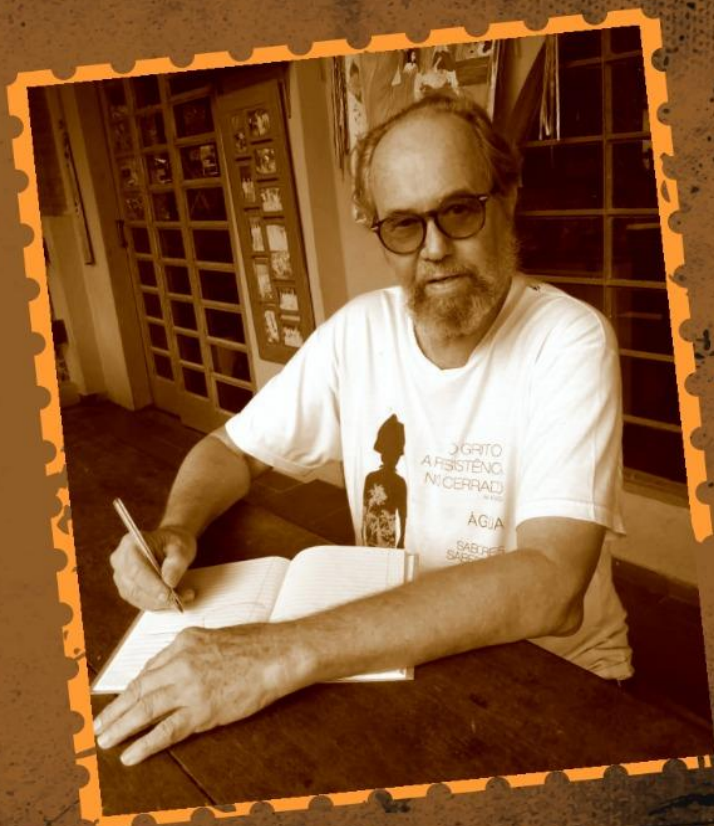




CARTAS PEDAGÓGICAS

TÓPICOS EPISTÊMICO-METODOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO POPULAR



FERNANDA DOS SANTOS PAULO
IVO DICKMANN (ORGs.)

Fernanda dos Santos Paulo
Ivo Dickmann
(Orgs.)

Cartas Pedagógicas:
tópicos epistêmico-metodológicos
na Educação Popular

Editora Livrologia
Chapecó-SC
2020

EDITORA LIVROLOGIA

Rua Vicente Cunha, 299
Bairro Palmital - Chapecó-SC
CEP: 89.815-405
Telefone e Whatsapp:
(49) 98916-0719
franquia@livrologia.com.br
www.livrologia.com.br

CONSELHO EDITORIAL

Jorge Alejandro Santos - Argentina
Francisco J. de León Ramírez - México
Ivo Dickmann - Brasil
Ivanio Dickmann - Brasil
Viviane Bagiotto Boton - Brasil
Fernanda dos Santos Paulo - Brasil

© 2020 - Editora Livrologia Ltda.

Coleção: Paulo Freire.

Edição: Editora Livrologia.

Capa e projeto gráfico: Ivanio Dickmann

Imagem da capa: Carlos Rodrigues Brandão no seu Sítio Rosa dos Ventos, fotografado por Cesar Ferreira da Silva.

Preparação e Revisão: Fernanda dos Santos Paulo e Tiago Domingues Corrêa.

Diagramação: Ivo Dickmann.

Apoio: CNPq - Chamada MCTIC/CNPq N° 28/2018 - Universal/Faixa A.

Ficha Catalográfica

C322 Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. / Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (organizadores). 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2).

ISBN: 9786586218053

1. Educação – Ensino. 2. Filosofia da ciência e epistemologia. 3. Educação popular. I. Paulo, Fernanda dos Santos. II. Dickmann, Ivo.

CDD 370.1

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

© 2020

Proibida a reprodução total ou parcial nos termos da lei.

Sumário

| | |
|--------------------------------------|----------|
| Notas dos organizadores | 6 |
|--------------------------------------|----------|

Fernanda dos Santos Paulo e Ivo Dickmann

| | |
|--|-----------|
| Carta-Prefácio - Uma carta sobre cartas | 12 |
|--|-----------|

Carlos Rodrigues Brandão

| | |
|---|-----------|
| Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular | 20 |
|---|-----------|

Fernanda dos Santos Paulo e Ivo Dickmann

| | |
|---|-----------|
| Educação Popular como humanização..... | 28 |
|---|-----------|

Fernanda dos Santos Paulo

| | |
|--|-----------|
| As dez características de uma carta pedagógica..... | 37 |
|--|-----------|

Ivanio Dickmann

| | |
|---|-----------|
| CARTA PEDAGÓGICA de Paris: registros de uma experiência em processo..... | 54 |
|---|-----------|

Ana Lúcia Souza de Freitas

**Educação Popular nas cartas de Carlos Rodrigues
Brandão: temas, ideias e sujeitos 73**

Adriana Gaio e Fernanda dos Santos Paulo

**Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a educação não
escolar 88**

Fernanda dos Santos Paulo e Marcia Selau dos Santos

**Algumas reflexões sobre política e educação no
movimento de EJA: reflexões e diálogos freirianos.. 102**

César Ferreira da Silva

**Educação de Jovens e Adultos: um tema fronteiroço da
Educação Popular 113**

Edson Douglas Pereira Casagrande e Fernanda dos Santos Paulo

Sobre as autoras e os autores 127

Índice remissivo e onomástico 135

Notas dos organizadores

Esse livro é resultado de pesquisa financiada pelo CNPq através da Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018 Universal/Faixa A.

O projeto tem como título: *Memória e História da Educação Popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Pedagogia Latino-americana*. O projeto é coordenado pela professora Fernanda dos Santos Paulo, educadora popular e professora do Programa de pós-graduações *stricto sensu* em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Oeste de Santa Catarina: PPGEd/Unoesc.

Participam dele pesquisadores/as e estudantes dos cursos de Mestrado, Doutorado, Especialização e Graduação e também educadores/as inseridos/as em Movimentos Populares.

Consideramos o projeto de pesquisa de grande relevância ao campo histórico-educacional do Brasil e da América Latina, em particular para a Educação Popular. Destacamos a contribuição advinda de documentos inéditos: as cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão. Além da Unoesc/PPGED participam desse projeto pesquisadores vinculados às seguintes Instituições:

1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos);
2. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp);
3. Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó);
4. Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA);
5. Movimento de Educação Popular (MEP);
6. Instituto Social Brava Gente.

Acreditamos que esse livro, o primeiro entre outros a emergirem da pesquisa, possibilitará uma reflexão sobre o processo de descolonização do pensamento latino-americano a partir das Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e da Pedagogia da Libertação inspiradora da Educação Popular e de base freiriana.

Nessa obra apresentamos o nosso objeto de estudos: as Cartas (documentos inéditos) do acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão e nossa compreensão de Cartas Pedagógicas. Além disso, anunciamos nosso movimento de pesquisa a partir de cartas que discorrem do material de pesquisa, podendo ser encontrados nos textos escritos por: Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann, Adriana Gaio, Marcia Selau dos Santos, Edson Douglas Pereira Casagrande, Ivania Dickmann, Cesar Ferreira da Silva, Ana Lucia Souza de Freitas e o próprio Carlos Rodrigues Brandão, no prefácio.

Os textos do livro se originam de reflexões oriundas do processo de catalogação das fontes primárias do

acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão nos anos de 1950 a 1990. Baseado nesse livro, as próximas publicações apresentarão análises considerando as seguintes temporalidades: OS TEMPOS PIONEIROS (1950-1964), OS TEMPOS DE FOGO (1964 - APÓS ABRIL A 1968), OS TEMPOS DE RESISTIR (1968-1979), OS TEMPOS DE ABERTURA (1979-1990).

Do mesmo modo, o próximo livro vai discorrer com base no mapeamento e na análise da História da Educação Popular, apresentando contribuições para a Pedagogia Latino-americana a partir do registro de experiências educacionais, ainda silenciadas nas produções intelectuais. Reconstituir a memória, através de entrevistas com o pesquisador, portador dos materiais empíricos, em torno dos tempos e espaços que foram produzidas essas experiências será prioridade.

O livro **Cartas Pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular**, retrata a importância do trabalho com Cartas no processo de recuperação da História da Educação em geral e da Educação Popular em específico. Igualmente, a partilha de experiências e ideias através da escrita de cartas destinada aos leitores e leitoras dessa obra, demonstra uma forma de produção de conhecimento com íntima articulação entre teoria e prática.

A estreita vinculação entre os conteúdos científicos e conteúdos oriundos da vida cotidiana, representa conteúdos pedagógicos escritos sem abandonar o tratamen-

to teórico-metodológico pautado em uma práxis educativa.

* * *

A carta-prefácio do livro *Uma carta sobre cartas* foi escrito pelo professor Carlos Rodrigues Brandão, sujeito central da pesquisa e, além de tudo, um exímio escritor de cartas.

Na sequência, os organizadores, no texto *Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular*, refletem sobre porque escrever cartas e como os princípios diálogo e participação estão presentes nos escritos e práticas de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão.

O texto denominado *Educação Popular como humanização* de Fernanda dos Santos Paulo trata da concepção de Educação Popular, recuperando autores e documentos sobre Educação Popular, como a entrevista de Paulo Freire concedida ao Claudius Ceccon para o *Jornal Pasquim*, em 1978.

O texto *As dez características de uma carta pedagógica*, escrito por Ivania Dickmann, nos desafia a produzir Cartas Pedagógicas a partir de uma rigorosidade, criatividade e ousadia metodológica, sendo o, texto um verdadeiro guia para quem quer começar a escrever cartas.

Ana Lúcia Souza de Freitas em sua *Carta pedagógica de Paris: registro de uma experiência em processo* relata sua experiência de pesquisa com sistematização de experiên-

cias no Ensino Superior e o seu trabalho com Cartas Pedagógicas.

No texto *Educação Popular nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: temas, ideias e sujeitos* as autoras Adriana Gaio e Fernanda dos Santos Paulo vão tratar das principais questões presentes nas cartas e suas temáticas centrais, bem como os sujeitos com quem Brandão se relacionava, organizadas em quadros sinóticos.

O texto *Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a educação não escolar* de Fernanda dos Santos Paulo e Marcia Selau dos Santos organiza a temática foco em quadros para demonstrar a presença desse tema nas referidas cartas e, com isso, mostra o potencial de outras inferências nas cartas, sinalizando para pesquisas posteriores.

César Ferreira da Silva escreveu uma carta para Brandão, cujo título é *Reflexões sobre Política e Educação no Movimento de Educação de Jovens e Adultos (EJA), reflexões e diálogos freirianos*, numa reflexão pertinente sobre o tema e um exercício de gratidão ao mestre e amigo.

O último texto do livro, *A Educação de Jovens e Adultos: um tema fronteiro da Educação Popular* de Edson Douglas Pereira Casagrande e Fernanda dos Santos Paulo, apresenta o tema a partir da pesquisa acerca da EJA prisional, relacionando ao processo político e histórico dessa modalidade de educação.

Ao final, encontra-se uma lista com os currículos acadêmicos dos autores e autoras, um índice remissivo (com as palavras-chave mais importantes) e onomástico para valorizar os sujeitos da/na pesquisa.

Um último recado para você que está lendo esse livro. Ele é um livro-educador. Ele foi escrito e pensado para ser um processo de autoformação: no momento em que você lê os textos, ao mesmo tempo, é convidado a fazer sínteses e refletir sobre o que aprendeu e como esse aprendizado contribui na transformação da prática pedagógica – reforçando o que já está bom e mudando o que não tem funcionado muito bem.

Por isso, você vai perceber que ao final de cada texto/carta/artigo há um espaço para preencher que chamamos de *síntese do texto*.

Registre ali *uma palavra* o resumo do que você leu, depois amplie para uma ideia-força com *uma frase* e, finalize com *um parágrafo* o que você vai fazer com esses novos conhecimentos, que atitudes novas eles mobilizam na tua prática pedagógica.

Depois você tem um espaço para uma *imagem pedagógica* que é para quem quer se expressar para além das palavras. Use a tua criatividade.

Boa leitura!

Carta-Prefácio

Uma carta sobre cartas

Carlos Rodrigues Brandão

Querida Fernanda, Ivo e demais amigos e amigas...

Sou algo mais moço do que Paulo Freire e Osmar Fávero. Neste abril de 2020 chego aos meus 80 anos. E, em 2021, espero estar festejando os meus 60 anos de envolvimento com o que depois começamos a chamar de “educação popular”.

Sou de um tempo em que nos escrevíamos cartas. E quando digo cartas estou falando de “cartas de verdade”. Uma carta de menos de uma página escrita com “máquina de escrever”, para pedir uma simples informação, ou fazer um breve comunicado, que não tivesse pelo menos uma página inteira em “espaço um”, seria considerada um desrespeito a quem fosse dirigida.

Antes do computador e da internet, a carta era algo mais do que um “bilhete”, em que ela se transformou

agora. Mesmo que fosse algo como “um bilhete”, as nossas cartas de então eram as nossas conversas por escrito. Eram longas confidências pessoais. Eram momentos de dizer a um alguém algo sobre nossa filosofia de vida, nossas ideais sobre o presente e nossos ideais para o futuro. Veja os livros que contém cartas de Paulo Freire, quando já no exílio.

Paulo Freire, Balduino Andreola, Ernani Maria Fiori, Osmar Fávero, Beatriz Costa, Aída Bezerra e eu mesmo, entre tantas e tantas outras pessoas de nossos círculos entre educadoras populares, convivemos tempos em que algumas palavras que hoje parecem meio estranhas, como “ideias fora do lugar, ou “palavras de outros tempos”, “velharias”, eram para nós as palavras e as sementeiras de ideias para as conversas ora em uma mesa de bar, ora em uma reunião de trabalho, ora em uma carta entre amigos. Palavras como: “compromisso com a realidade”; “engajamento político”; “vida interior”, “visão de mundo”, “missão pedagógica”, “filosofia de vida”, “ideal histórico”, “consciência histórica” estavam presentes entre nós.

Entre abril de 1964 e vários anos mais tarde, durante toda a vigência dos governos militares, as nossas cartas eram também perigosos documentos cuja indevida leitura por um alguém do “Serviço Nacional de Informação” poderia redundar em “busca do autor e do destinatário”. Poderia resultar em prisão, ou mesmo em algo pior.

Foi então o tempo em que destruímos milhares de cartas e de outros documentos “suspeitos”. Lembro-me de Goiás. Dias e noites em fundos de quintais, ao redor de fogueiras acesas, selecionando e queimando quilos e quilos de cartas e de mensagens entre a “Equipe Central do Movimento de Educação de Base de Goiás” e lavradores, monitores camponeses e participantes das ações de “educação de base” ou de “encontros de comunidade”. E, também, jogando no fogo pacotes com as nossas “aulas de alfabetização”.

Pois aquele foi um tempo em que até uma “cartilha de alfabetização” podia ser literalmente apreendida e levada para a delegacia. Foi o que aconteceu, dois meses antes do golpe militar de 1964. Havíamos preparado um “Conjunto Didático Viver é Lutar”, constante de uma cartilha com este nome, para uso das escolas radiofônicas do MEB, espalhadas por boa parte do Brasil, e mais três pequenos livros mimeografados, para aprofundamento “conscientizador” de professoras e de “monitores de alfabetização”. E assim que tudo ficou impresso e pronto, a polícia do Rio de Janeiro “baixou na delegacia” e apreendeu todo o material por “suspeita de subversão”.

Eu mesmo, quando já morador em Goiás e já professor universitário, e ainda um educador popular, destruí uma quantidade enorme de cartas pessoais. Tínhamos o costume de escrever as nossas cartas com cópias em “papel carbono”, para sabermos depois o que havíamos

escrito, e a quem. Várias delas fora, escritas para outras e outros educadores, como o próprio Paulo Freire. E, depois do golpe militar, escapavam do fogo apenas as cartas “não politicamente comprometedoras”. Por isso quase todas as cartas que sobraram foram as mais “inocentes”. Aquelas que caídas nas “mãos da repressão” não causariam danos nem a quem escreveu e nem a quem recebeu.

Imagino o que se perdeu em todo o Brasil de então, em tempos não muito diferentes dos filmes de “destruidores de livros em imensas fogueiras”.

Durante anos até a “abertura política”, os documentos essenciais e mais assertivamente insurgentes e emancipadores foram destruídos. Alguns eram por segurança repassados de mão em mão, e nunca pelo correio. Ou não foram escritos. Uma lástima, porque o que se perdeu como memória dos tempos da aurora da educação popular após 1964 representa um apagamento irreversível.

Recordo que até o meu primeiro livro sobre a educação popular saiu publicado em Espanhol, na Argentina, e com o nome de um amigo uruguaio, Júlio Barreiro. Tudo por “medidas de segurança”, em que nos treinávamos até mesmo para vivermos em uma sala de aulas uma reunião rotineira.

Tempos em que quem possuía um exemplar do *Pedagogia do Oprimido* (que circulou entre nós primeiro mimeografado e, depois, publicado como artigos na revista *Cristianismo y Sociedad*, do movimento *Iglesia y Sociedad e América Latina* – ISAL).

Fizemos muito, criamos muito entre a insurgência emancipadora e a esperança de que éramos parte de uma geração que finalmente tomava um pouco da história entre as mãos, e junto com o povo, e a seu serviço, semeava por toda a parte a esperança de tempos de justiça, igualdade, inclusão e liberdade.

Não aconteceu assim. Mas nunca esqueça que aqueles que nos perseguiram e ao povo se foram. Estão esquecidos eles, os militares, seus comparsas e os educadores que inventaram durante a ditadura a “Educação Moral e Cívica”. Mas quem se lembra dela e de seus livros? E quem, depois de tantos anos, esquece Pedagogia do Oprimido e outros livros de Paulo Freire e outras e outros educadores populares.

Para mim é uma alegria ver gente como você, viver ainda agora e sempre o que vocês retomam e revivem, e conviver com os mesmos ideais, irmanadas em uma mesma luta, caminhando em direção a um mesmo horizonte.

E eu espero que entre os milhares que entre nós foram no passado escritas, as poucas cartas que “sobraram do fogo”, mas não do esquecimento, sejam ainda pequenas memórias e anúncios por escrito do que nós, educadoras e educadores populares do passado vivemos e escrevemos. E pequenos lembretes a vocês, de agora, de que não apenas a “luta continua”, mas a coragem, a lucidez e a esperança que nos animaram antes e depois

dos “ anos de fogo”, estão, como luzes no caminho,
acesas diante de vocês.

Um abraço com carinho, querida amiga e amigos,

Carlos Rodrigues Brandão

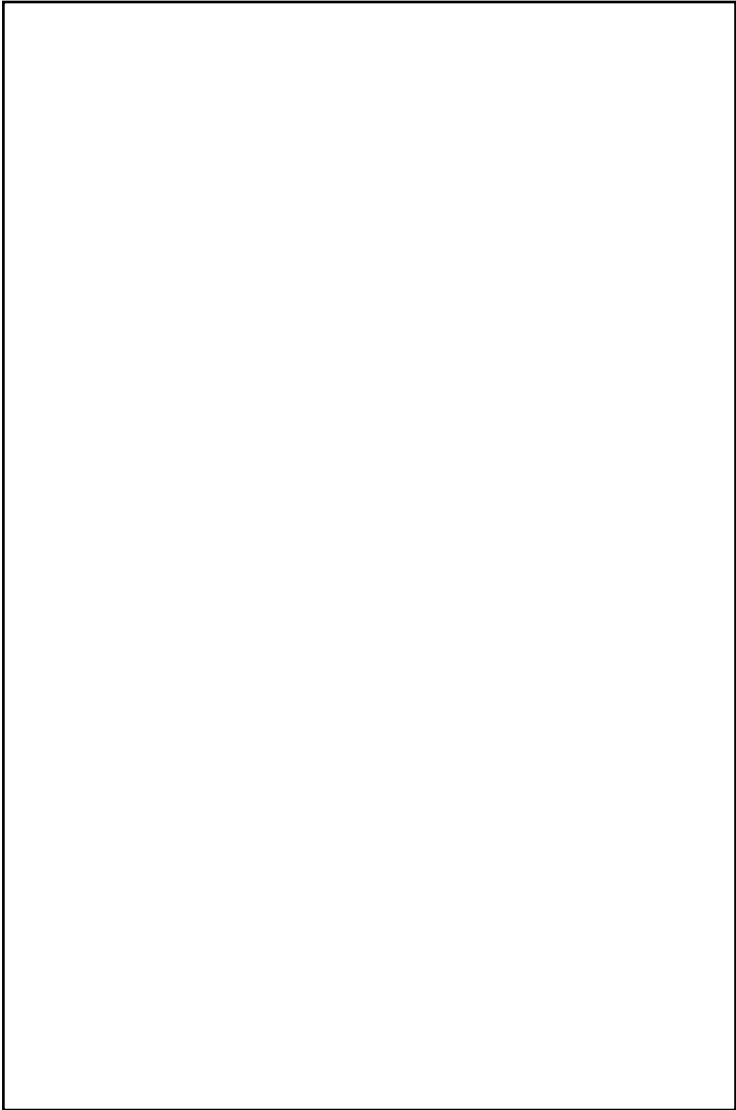
Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Imagem Pedagógica



Cartas pedagógicas: registro e memória na Educação Popular

*Fernanda dos Santos Paulo
Ivo Dickmann*

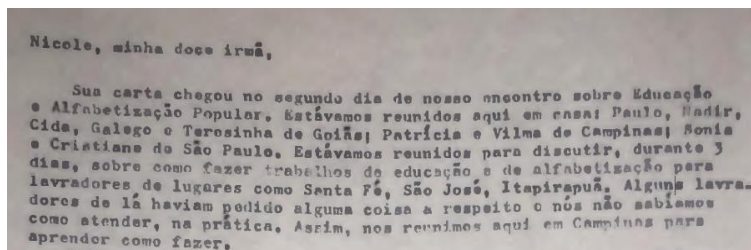
Escolhemos escrever sobre a importância das Cartas Pedagógicas e os fundamentos epistêmico-metodológicos da Educação Popular.

Localizamos nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão indicativos de diálogos possíveis para a construção de uma Pedagogia Latino-americana com base na Educação Popular.

Tanto Brandão como Paulo Freire, autores a quem nos filiamos na concepção de Educação Popular, possuem na sua trajetória teórico-prática Cartas Pedagógicas que estabelecem diálogo com autores de-coloniais. Interessante que, ao revisitarmos os livros *Cartas a Guiné-Bissau* e *Dialogando com a própria história*, localizamos importantes narrativas, que nos orientam nas reflexões epistêmicas e metodológicas da Educação Popular, Pedagogia Latino-americana e suas relações com as Cartas Pedagógicas.

De partida, dois fundamentos epistêmico-metodológicos se fazem presentes nas cartas, ambos coerentes com a concepção de Educação Popular: a dialogicidade e

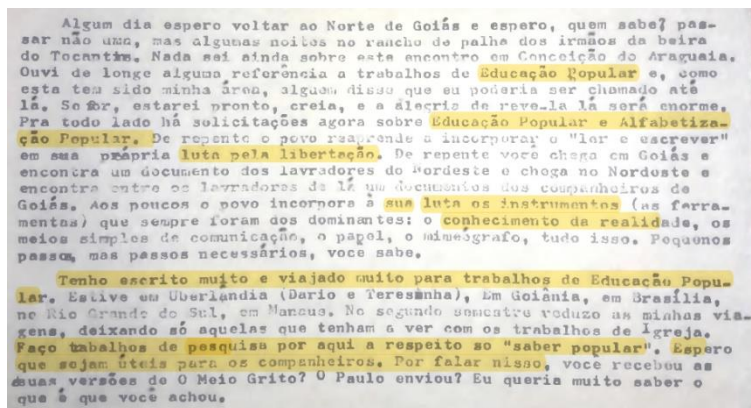
a participação. Vejamos trechos de Carlos Rodrigues Brandão:



Nicole, minha doce irmã,

Sua carta chegou no segundo dia de nosso encontro sobre Educação e Alfabetização Popular. Estávamos reunidos aqui em casa: Paulo, Nadir, Cida, Galego e Teresinha de Goiás; Patrícia e Vilma de Campinas; Sonia e Cristiane de São Paulo. Estávamos reunidos para discutir, durante 3 dias, sobre como fazer trabalhos de educação e de alfabetização para lavradores de lugares como Santa Fé, São José, Itapirapuã. Alguns lavradores de lá haviam pedido alguma coisa a respeito e nós não sabíamos como atender, na prática. Assim, nos reunimos aqui em Campinas para aprender como fazer.

A parte da carta acima data do ano de 1980, referindo-se ao trabalho de grupo dialogado e participativo de educação e alfabetização popular. Outro fragmento nos revela as relações teórico-práticas da Educação Popular:



Algum dia espero voltar ao Norte de Goiás e espero, quem sabe? passar não uma, mas algumas noites no rancho de palha dos irmãos da beira do Tocantins. Nada sei ainda sobre este encontro em Conceição do Araguaia. Ouvi de longe alguma referência a trabalhos de Educação Popular e, como esta tem sido minha área, alguém disse que eu poderia ser chamado até lá. Se for, estarei pronto, creia, e a alegria de vê-la lá será enorme. Pra todo lado há solicitações agora sobre Educação Popular e Alfabetização Popular. De repente o povo reaprende a incorporar o "ler e escrever" em sua própria luta pela libertação. De repente você chega em Goiás e encontra um documento dos lavradores do Nordeste e chega no Nordeste e encontra entre os lavradores de lá um documento dos companheiros de Goiás. Aos poucos o povo incorpora à sua luta os instrumentos (as ferramentas) que sempre foram dos dominantes: o conhecimento da realidade, os meios simples de comunicação, o papel, o mimeógrafo, tudo isso. Pequenos passos, mas passos necessários, você sabe.

Tenho escrito muito e viajado muito para trabalhos de Educação Popular. Estive em Uberlândia (Dario e Teresinha), em Goiânia, em Brasília, no Rio Grande do Sul, em Manaus. No segundo semestre reduzo as minhas viagens, deixando só aquelas que tenham a ver com os trabalhos de Igreja. Faço trabalhos de pesquisa por aqui a respeito do "saber popular". Espero que sejam úteis para os companheiros. Por falar nisso, você recebeu as duas versões de O Meio Grito? O Paulo enviou? Eu queria muito saber o que é que você achou.

Os dois extratos da carta evidenciam uma pedagogia da dialogicidade, pois Brandão, ao escrever cartas,

produzia conhecimento engajado, convidando seus companheiros de luta (amigos, colegas, familiares) a aprender a lutar a partir do diálogo coerente e comprometido com a transformação social.

Sinalizamos o excerto acima para destacar a presença da Educação Popular, acompanhada de expressões que nos permitem chancelar a dialogicidade e participação como fundamento importante da Educação Popular. As Cartas Pedagógicas nos oportunizam intencionar a construção coletiva de uma Pedagogia Latino-americana, tecida por experiências e reflexões fundamentadas pelo pensamento crítico. Diálogo, tanto para Brandão (2009) como para Freire (1987), é compromisso com a humanização e libertação:

O diálogo e a reflexão a respeito dessas questões permanecem relevantes também na atualidade, na medida em que compreendemos que a Educação Popular ainda não cumpriu a sua intenção: a de propiciar a humanização e a libertação dos sujeitos que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais. É essa proposta que nos motivou, e continua nos motivando, a realizar e consolidar ações e procedimentos para fortalecer as iniciativas populares da sociedade civil, considerando a diversidade e a particularidade dos envolvidos, para enfrentar as opressões e as restrições impostas pelo Estado brasileiro e pela estrutura e dinâmica da sociedade contemporânea. (BRANDÃO, 2009, p. 10-11).

Metodológica e epistemologicamente, a perspectiva crítica não é identificada apenas pela dimensão da participação, e sim no modo como a concebemos e a pra-

ticamos – aí reside a fecundidade teórico-crítica presente na Educação Popular – o sentido de práxis. Revela-se indiscutível, no entanto, a relação entre Educação Popular e a conscientização.

Em termos pedagógicos, tanto Freire como Brandão apresentam uma Pedagogia crítica, dialógica e diretiva – ou seja, é imperativo a presença da intencionalidade educativa na proposta pedagógica, isto é, emerge “uma coerência entre a concepção teórico-metodológica e o posicionamento político-pedagógico: a intencionalidade de construir a autonomia e emancipação dos sujeitos”. (BRANDÃO, 2009, p. 97).

A concepção epistemológica (teoria do conhecimento) e a concepção metodológica (caminho/percurso para a realização de algo), segundo Brandão e Paulo Freire, não são dissociadas da concepção ontológica (teoria do ser) e da pedagógica (teoria do aprender).

Sobre Educação Popular e Alfabetização Popular, a característica marcante é a politicidade do ato educativo: “De repente o povo reaprende a incorporar o "ler e escrever" em sua própria luta pela libertação. ” (Carta enviada por Brandão, 1980).

A indissociabilidade entre as concepções ontológica, pedagógica e política são visíveis nas Cartas de Brandão, a saber:

- 1) Reconhecimento e respeito aos diferentes saberes: saber escutar, dialogar e problematizar;

2) Transformação social: uma educação que convide a refletir sobre a realidade e produzir mudança com vistas a libertação/emancipação. O conhecimento construído a partir do conhecimento historicamente produzido e os saberes populares, os quais resultam em uma prática social que se realiza em movimento/processo, considerando que educar, pesquisar e aprender envolvem um sentimento profundo de compromisso com a vida.

3) Proposta pedagógica indissociável da concepção antropológica, que justifica o pensamento pedagógico dialógico e participativo. A busca do ser mais para a humanização tem como desafio a práxis social transformadora.

As Cartas Pedagógicas revelam um pensamento dialógico que compreende a educação como processo de humanização dos seres humanos. Para tanto, a educação é teórica e prática, ocupando-se em resolver problemas da vida concreta dos oprimidos. Nesse viés, é importante uma metodologia coerente com a Educação Popular Libertadora.

Os três apontamentos assumem uma concepção de ser humano que tanto para Freire (1987) como para Brandão é a da humanização, oposta, portanto à concepção de desumanização. No livro *Pedagogia do Oprimi-*

do, identificamos as bases teóricas da sua pedagogia, e uma delas é a antropológica, que afirma que a humanização é a vocação ontológica de todos os seres humanos. Os pressupostos metodológicos e epistemológicos presentes na Educação Popular nos permitem compreender as concepções de humanização e desumanização, opressão e oprimido. Ou seja, as Cartas Pedagógicas, mais que ferramenta de comunicação, são um convite a uma Pedagogia Engajada ética e politicamente.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura rebelde**: escritos sobre a Educação Popular ontem. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

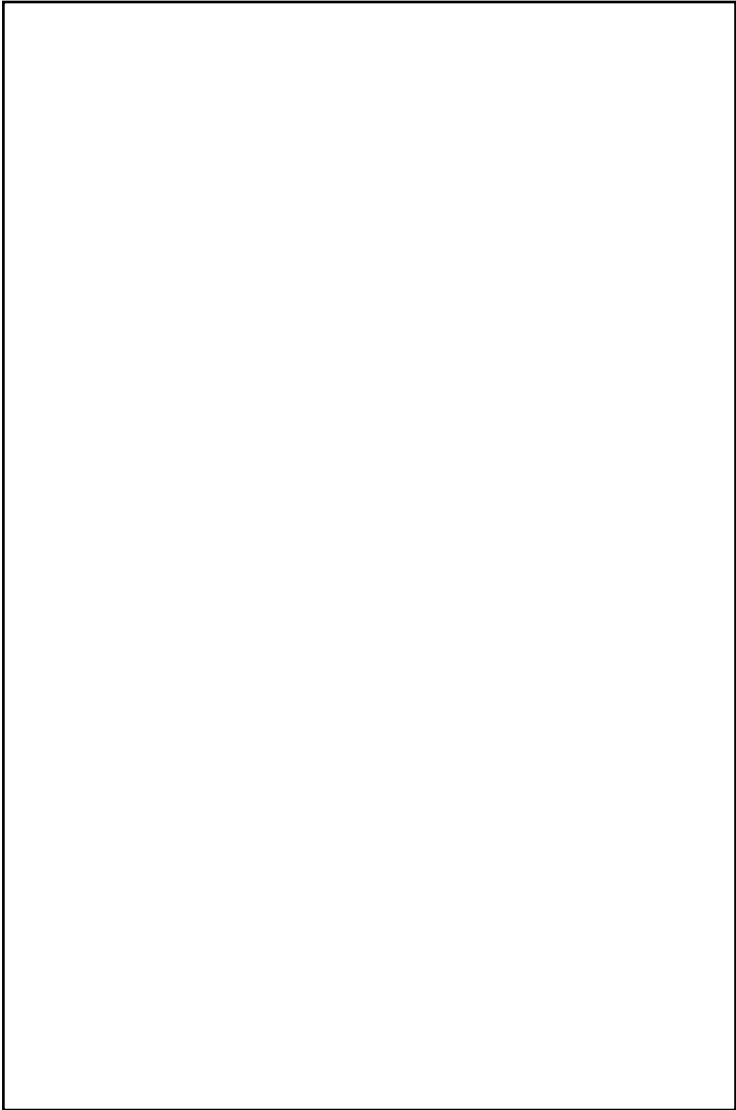
Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Imagem Pedagógica



Educação Popular como humanização

Fernanda dos Santos Paulo

Analisando o conceito de educação em Paulo Freire, temos a Pedagogia como humanização. Uma passagem da Pedagogia do Oprimido nos convida a refletir sobre a Educação Popular: “Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens se acham quase ‘coisificados’.” (FREIRE, 1987, p. 54). Esse fragmento será objeto de nossa reflexão.

Ao longo da nossa trajetória pessoal e profissional, observamos que o fazer humano se relaciona com o modo como olhamos e compreendemos as pessoas e o mundo, e, também, de como fomos ensinados a olhar, observar e compreender esse mundo.

Então, se concebemos a educação enquanto humanização em uma perspectiva de mudança da realidade, a nossa luta político-pedagógica relaciona-se a uma proposta pedagógica que vislumbre um mundo mais humanizado. Diante desse entendimento, a nossa carta traz reflexões sobre a concepção de Educação Popular e a importância de diálogos escritos que possibilitam o

registro da nossa trajetória enquanto educadores e educadoras.

Primeiramente, destacamos que o termo popular é compreendido como aquilo que é relativo ao povo, próprio do povo. Mas o que é povo?

Temos várias concepções, mas utilizaremos aquela que Paulo Freire adotou devido seu trabalho no Conselho Mundial de Igrejas. Nesse contexto, povo significava oprimidos. O mesmo sentido estava presente nos movimentos de cultura popular. Em entrevista para Claudius Ceccon ao Jornal Pasquim, Nº 462, Paulo Freire utiliza a expressão Povo ao tratar do trabalho com Educação Popular:

codificações. O resultado foi o seguinte: eu observei que o povo começava a sistematizar, a organizar o seu pensamento em torno da análise da realidade. Quer dizer, ao analisar a sua realidade, discutindo a temática que eles mesmos sugeriram, eu observei que esses grupos começavam a assumir uma posição altamente crítica, rigorosa na análise. Eu observei isso na universidade e vi que nem sempre os estudantes pensavam tão rigorosamente quanto os caras lá dos mocambos. Um dia eu perguntei: Se esse negócio é possível ao nível da pós-alfabetização, independentemente de ser só analfabeto, porque não é possível fazer o mesmo na alfabetização? Então houve um

Figura 1- Pasquim (edição especial), n. 462, p. 7-11, 1978.

Ao falar em popular, dialogando com Freire e Brandão, nos remetemos à Educação Popular enquanto atividade teórico-prática coletiva na busca da libertação. Isto é, educação como processo de humanização. O popular como povo implica considerar que vivemos em uma sociedade de classes. Assim, a educação não pode ser discutida e concebida fora desse contexto histórico e econômico (sociedade de classes).

Uma carta que se caracteriza como pedagógica tem seus fundamentos epistemológicos. E, nesse fragmento do Jornal, de dezembro de 1978, observamos alguns pressupostos: o da pergunta (aprender a problematizar), da organização (pedagogia diretiva), da pesquisa (tematizar, analisar e sistematizar) e da autonomia (assumir-se como pesquisador de sua realidade, com rigor metodológico).

Nesse sentido, a humanização e libertação são impossíveis se a pedagogia for antidialógica e opressora. Uma carta mandatária pode ter o cunho pedagógico? Se considerarmos a história das propostas pedagógicas, temos várias epistemologias: apriorista, empirismo, construtivista e sociointeracionista. Logo, poderemos localizar cartas pedagógicas que são escritas a partir de diferentes concepções epistemológicas.

Na concepção de Educação Popular humanizadora, de Paulo Freire, a epistemologia relacional implica respeitar e problematizar os saberes populares advindos dos educandos, saberes construídos pela nossa experiên-

cia existencial, numa dinâmica epistemológica que não só não anula, mas também não se limita a esses saberes. Isto, a partir de Freire e Brandão, é a possibilidade de produção de um saber relacional, coletivo, solidário e transformador. Uma Carta Pedagógica, nos pressupostos da Educação Popular como humanização, representa um escrito encharcado de engajamento político. Em outras palavras, a Educação Popular tem como projeto uma educação humanizadora, cujo horizonte é uma sociedade emancipadora. Se esse é seu projeto, toda carta pedagógica ancorada nos princípios da Educação Popular tem, necessariamente, uma escrita engajada na luta pela superação da sociedade de classes. Engajar-se é uma característica de quem escreve cartas pedagógicas.

Outra característica da Educação Popular é a solidariedade na partilha de saberes, apresentando-se como um movimento de educação que valoriza o trabalho coletivo, a socialização de experiências e saberes e a construção de novos saberes a partir de uma Pedagogia Engajada.

Daí a Carta Pedagógica ser um instrumento de luta, podendo servir de fundamento para a continuidade da concepção de Educação Popular como humanização e não apenas como educação destinada à classe popular. A Educação Popular está comprometida com o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, entendendo a educação com sentido amplo. Como processo, a educação é anterior ao aparecimento da escola, e sobre isso

Carlos Rodrigues Brandão escreve em seu livro *O Que é Educação*, obra de fundamental importância no nosso processo formativo como educadores e educadoras.

É importante salientar que Educação Popular não se trata de uma educação informal ou de educação que acontece nas comunidades. A Educação Popular objetiva a formação de sujeitos com conhecimento transformador. Assim, conscientização e organização do trabalho político-pedagógico são inerentes ao processo de humanização com vistas à transformação social.

Mediante tais colocações, é importante conhecermos outros educadores, que, assim como Brandão e Freire, vêm ampliando a luta em prol da Educação Popular. São intelectuais, militantes de Movimentos Sociais e educadores que trabalham na perspectiva do popular com o foco na humanização. Essa carta tem como intenção aprofundarmos os conceitos de Educação Popular, apresentando a nossa compreensão. Igualmente, refletimos sobre algumas características de uma Carta Pedagógica à luz da Educação Popular, e, diante de tais reflexões, dois apontamentos merecem destaque:

1. A Educação Popular como libertação é um movimento permanente e participativo que problematiza a ordem social vigente, o sistema capitalista, mobilizando o “povo” para uma transformação radical e profunda desse modo de produção.

2. A Educação Popular com compromisso sócio-político, pedagógico, ético e epistemológico, apresentando e enfatizando a produção de conhecimento com vistas à transformação social. Essa educação não separa os saberes dos livros daqueles que emergem das lutas populares. Por esse motivo, as metodologias dos temas geradores são inspiradoras no processo de compreensão da Educação Popular como humanização.

Diante desses escritos acerca da Educação Popular, identificamos a necessidade de escrevermos mais cartas sobre o que pensamos, desejamos, lutamos e construímos. A presença das dimensões política, epistemológica e antropológica são características que definem a Educação Popular a partir de Paulo Freire e de Brandão como educação humanizadora e libertadora. Os significados e sentidos da educação nessa perspectiva estão implicados na afirmação da pedagogia da luta e da formação ético-política com vistas à emancipação social e humana. E, diante de nossa posição, teremos o prazer de conhecer e receber cartas que discutam temas que versam sobre o que compartilhamos aqui.

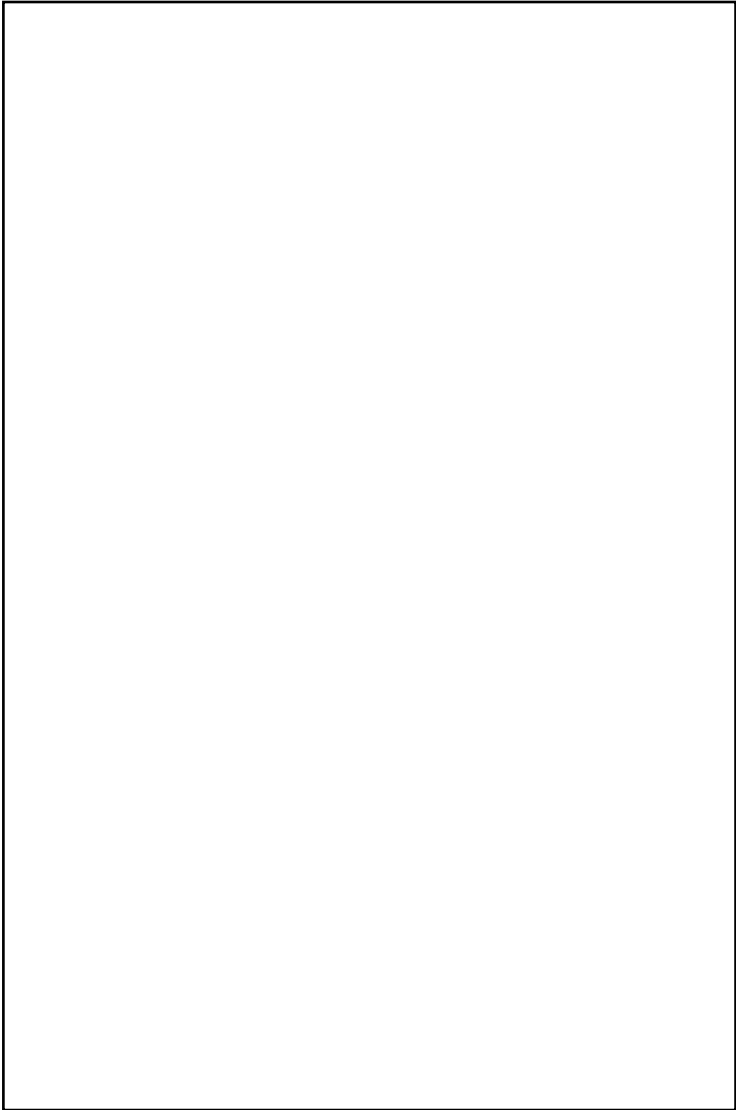
Porto Alegre, janeiro de 2020.

Referências

BRANDÃO, R.C. **Educação Popular**. 3ª Ed. SP. Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Imagem Pedagógica



As dez características de uma carta pedagógica

Ivanio Dickmann

Olá amigos e amigas, freirianos e freirianas. Tudo bem com vocês? Espero que estejam bem. Torço para que as lutas estejam brandas e que as vitórias sejam constantes em suas vidas. Estou dedicado hoje a escrever uma mensagem de algo que venho refletindo e praticando com afinco: as cartas pedagógicas. Espero que tenham tempo em meio às tempestades de afazeres cotidianos para lerem, com calma, estas linhas que seguem.

Não sei se vocês já sabem, mas eu já organizei alguns livros com cartas pedagógicas. O primeiro deles foi o *Pedagogia da Gratidão – Cartas a Paulo Freire*, em 2017. Depois, Ivo e eu montamos um livro chamado *Pedagogia das Primeiras Palavras – Cartas Pedagógicas*, em 2018. E, em 2019, eu organizei o livro intitulado *Diálogo Freiriano – Cartas, Relatos e Artigos*. Nessa caminhada, eu estimei as pessoas a escreverem cartas pedagógicas, e confesso que foi algo muito intuitivo, nada proposital.

Contudo, a prática nos ensina muito. Aprendi que há um poder intrínseco nesta forma de escrever. Pela sua simplicidade, as pessoas se dispõem mais fa-

almente e se desafiam a colocar em texto suas reflexões, suas ideias. A estrutura de uma carta pedagógica é mais maleável, mais livre do que um artigo acadêmico, por exemplo. Isso possibilita que mais gente escreva sobre suas aprendizagens e compartilhe os seus conhecimentos.

Claro, não fui eu quem inventou a ideia de escrever cartas pedagógicas. Somos herdeiros deste estilo de escrita que já é utilizada por muitas pessoas para compartilhar informações, mensagens, orientações e tantos outros comunicados. Como herdeiros deste estilo de escrita, somos responsáveis por cuidá-lo e continuá-lo. Cuidar pressupõe dar atenção, manusear com amor e carinho, ou seja, não deturpar a carta pedagógica, nem a utilizar para alienar. Continuar, por sua vez, significa repeti-la e recriá-la a fim de que possa tocar mais mentes e corações, produzindo e compartilhando saberes.

A carta pedagógica foi um gênero cultivado por Paulo Freire e outros grandes nomes da nossa história, como Che Guevara, Antônio Gramsci, Rosa de Luxemburgo, São Paulo Apóstolo, Francisco de Assis, só para citar alguns. Aliás, se você quiser aprofundar este assunto, eu recomendo o livro da professora Isabela Camini, chamado Cartas Pedagógicas – aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Nesse livro, ela aprofunda o papel das cartas pedagógicas ao longo da história. Vale a pena!

O que eu vou refletir com você aqui neste texto são as características que, a meu ver, tem uma carta pedagógica. Este rol poderá ser incrementado ao longo do tempo com outras características que me fogem hoje e que não percebo pelo fato de escrever de minha perspectiva e sobre os meus saberes e limites. De toda forma, é um texto que me orgulho de compartilhar com você. A sua produção sistematizou minhas experiências e leituras. Fez com que eu organizasse uma lista que ajudará outros e outras a escreverem suas cartas pedagógicas com mais esmero e com uma potência ainda maior, em suma, com mais capacidade de produzir conhecimento e, por conseguinte, com maior capacidade de transformar.

Bem, sem delongas, vamos à lista que elenquei das 10 características de uma carta pedagógica. Leia com atenção, faça suas anotações, registre suas aprendizagens e dialogue com alguém sobre o uso das cartas pedagógicas em seu espaço pedagógico. Desafie-se a produzir cartas pedagógicas. A prática é a melhor escola. Ela ensina e nos aperfeiçoa. Vamos lá?!

1. Ponto de partida

Toda carta pedagógica tem seu início na história de vida e na realidade de quem escreve. Em outras palavras, escrevemos a partir do que vivemos e de onde vivemos. Logo, uma carta pedagógica sempre expressará nossa vida. Embora óbvio, este elemento nos ajuda a entender a dimensão humana concreta que a carta traz em suas linhas.

Quando digo que minha carta parte de minha vida, estou me referindo que escrevo a partir de minhas experiências e meus saberes acumulados. O que sei é compartilhado na carta e serve de insumo para meus interlocutores/as aprenderem comigo e, ao me responderem, me ensinarem, a partir do que sei. Por outro lado, minha vida não está suspensa no vácuo do espaço sideral, ela está encarnada numa realidade concreta. Então, minhas palavras estão, da mesma forma, enraizadas neste contexto concreto.

A síntese da história de vida - do humano -, e do contexto concreto - do mundo - é o ponto de partida de toda carta pedagógica. Quem escreve compartilha sua vida e seu mundo com quem lê.

2. Objetivo da escrita

É relevante nos perguntarmos qual o objetivo de escrever uma carta pedagógica? Pois, toda escrita é um discurso e, assim, tem uma intencionalidade. Pois bem, a carta pedagógica quer iniciar um diálogo sobre o tema que o autor ou autora decidiu provocar em seu interlocutor/a.

Quando escrevo, quero, com este diálogo, ensinar ou aprender sobre algo que me interessa. A escrita da carta é o sinal de abertura para o diálogo. Ela questionará, proporá, criticará, enfim, instigará uma conversa sobre o tema. Iniciado o diálogo, começamos a definir os próximos passos juntos. Já não falo mais sozinho, só por mim. Estou conectado a uma ou mais pessoas, que com-

partem comigo sua visão de mundo. Estamos juntos, unidos, de mãos dadas na mesma direção. Portanto, outro objetivo de uma carta é nos conectar.

Outro objetivo da escrita das cartas é estimular o registro de nossas ideias. Muito se pensa e se faz no campo da educação, porém, pouco se registra. As cartas pedagógicas podem se tornar instrumento de sínteses valiosas na caminhada de grupos populares, universitários, estudantes, professores, sistematizando uma caminhada, um projeto, etc.

3. Por que é pedagógica?

Qual a diferença de uma carta pedagógica para outras cartas em geral? A resposta é que a carta pedagógica tem dois elementos que uma missiva convencional não tem, a saber: deseja produzir conhecimento e tem uma postura política. Isso diferencia a carta pedagógica. Vejamos:

A reflexão compartilhada pelo remetente estimula uma nova prática do receptor, ou uma nova reflexão, que é devolvida ao remetente. É o diálogo se fazendo no vai e vem dos textos (sejam cartas propriamente ditas ou e-mails, por exemplo).

De outro lado, a carta pedagógica parte de uma posição política e pedagógica claramente definida. Ela tem intenção clara de ser instrumento de diálogo, e, assim, ser pronunciamento de mundo. A postura de quem dialoga é, intrinsecamente, progressista. O fruto deste diálogo só pode ser a evolução de quem dialoga. A carta

é pedagógica porque é política, e é política porque é pedagógica.

4. O efeito da carta pedagógica

Quero refletir agora sobre o efeito que uma carta pedagógica causa nos interlocutores/as. Ela não é enviada somente para dar avisos. Ela gera movimento. O professor Moacir Gadotti, na carta-prefácio ao nosso livro *Pedagogia da Gratidão*, cita quatro efeitos de uma carta pedagógica, que compartilho a seguir: ela convida à aproximação, convida ao diálogo, chama à resposta, chama à continuidade e estabelece uma relação pessoal.

Veja que um convite à aproximação e ao diálogo faz as pessoas se achegarem, ficarem próximas umas das outras. É um gesto amoroso, de humildade e de complementariedade. Da mesma forma, chamar uma resposta e uma continuidade é fazermos parte um do outro. Uma extensão de mim se conecta ao outro. Sou eu necessitando do outro como parte de mim mesmo.

Esta relação, poderia dizer, radicalmente vital, estabelecida através da carta pedagógica é uma de suas mais belas características. Nela, percebemos a carga de vida e de amor de uma carta pedagógica. Escrever, nesse sentido, é compartilhar a vida.

5. O conteúdo da carta pedagógica

Num sentido mais pragmático, pode-se dizer que uma carta pedagógica é uma mensageira, que pode levar e trazer muitas coisas. Nas cartas pedagógicas que até

agora produzi, estimulei a escrita e li, verifico que alguns elementos a constituem enquanto conteúdo.

Concordo aqui com o Mauri Cruz, que, na apresentação do livro da professora Isabela Camini, citado acima, aponta como conteúdo das cartas pedagógicas notícias, informações, mensagens e reflexões. Esses quatro formatos de conteúdo abrem um leque sem fim de possibilidades de produção de conhecimento. Uma notícia pode ser disparadora de amplas discussões: Quem deu a notícia? Qual o objetivo de anunciar esta notícia? Repassar informações enriquece os nossos interlocutores/as, abastece nossa base social de dados, que podem ser preciosos numa tomada de decisão coletiva. Enviar mensagem pode ser motivador e alentador. Quando uma mensagem chega, nos excitamos pela leitura e nos alentamos mutuamente. As reflexões, por sua vez, são o motor das mudanças possíveis, são o impulso da transformação. Elas geram outras reflexões, que podem se tornar a resposta à carta pedagógica; mas disso trataremos nos itens posteriores.

Mauri ainda reforça uma outra ideia, com a qual concordo, que estes conteúdos são possíveis numa carta pedagógica por ser um método de escrita, ao mesmo tempo, leve e profundo, onde cada um e cada uma pode expressar o que pensa, acredita e critica nas práticas cotidianas. Repare que, nesse aspecto, a carta pedagógica é inclusiva, pois a escrita clássica é excludente, ao dar espaço, vez e voz somente aos letrados nos padrões tradi-

cionais. Já a carta pedagógica está ao alcance de todos e todas, e poderá se expressar de infinitas maneiras.

6. Escrever exige compromisso

Escrever uma carta pedagógica exige compromisso de quem escreve com o que se escreve. Portanto, antes de iniciar suas linhas, considere uma breve análise do que você está disposto a assumir no envio de sua carta pedagógica. Pode ser sua postura pedagógica crítica, pode ser a sua opção metodológica criativa e inovadora, podem ser suas dúvidas, expressas de forma organizada para iniciar um diálogo com um parceiro dialógico em busca de soluções, podem ser suas reflexões, compartilhadas com um coletivo do qual faça parte e queira aprofundar a caminhada.

Trago aqui duas premissas apresentadas por Mauri Cruz com as quais coaduno, são elas: a prática é o critério da verdade, e, a fé sem obras é morta. Essas duas máximas, segundo Cruz, são duas formas de dizer a mesma coisa. E, por que ele diz isso? Porque depende de onde você parte. Se você é alinhado à linha marxista, vai se sentir mais contemplado na primeira premissa. Mas, se você é fruto da teologia da libertação, se sentirá mais contemplado com a segunda premissa.

Independentemente da escolha que você fizer, cairá na armadilha armada pelo Mauri, pois como ele afirma, as duas frases expressam uma só afirmação: nós devemos ser o que escrevemos. É um imperativo ético, como dizia Paulo Freire, falar do que fazemos, fazer o

que falamos, a ponto de nosso discurso se tornar palavração. Como dizia um ditado popular que ouvi na juventude: As palavras comovem, mas são os exemplos que arrastam! Esse é o compromisso que assumimos quando escrevemos e enviamos nossas cartas pedagógicas. Compreenda isso, definitivamente.

7. As potências da carta pedagógica

As cartas pedagógicas têm duas potências, identificadas pelo professor Jaime José Zitkoski, que se expressam na capacidade de atingir as pessoas nos aspectos lógicos/rationais e de tocar o coração das pessoas.

Segundo Zitkoski, uma carta pedagógica atinge os aspectos lógicos e racionais através das informações que o texto escrito aborda. Attingir a lógica humana é importante para dar um sentido prático ao que escrevemos. Se a mensagem nos parece ilógica, não daremos atenção. Desprestigiaremos a carta e ela não surtirá efeito. Não terá continuidade, resposta, se quebrará o elo entre o remetente e o receptor da comunicação. É preciso lógica para disparar a interação e a compreensão.

De outro lado, a carta pedagógica tem o poder, como diz o professor Jaime, de tocar o coração das pessoas. Ele explica essa expressão como sendo a capacidade de atingir as emoções, o sentimento e a afetividade humana. Esta potencialidade de aflorar a sensibilidade é, para mim, o elemento humanizador da carta pedagógica. A carta pedagógica é um instrumento de humanização das relações humanas. Ela é, por isso, profundamente

te política, enquanto se opõe à pedagogia bancária, onde não se pode escrever, somente copiar. Onde não se pode dizer a própria palavra, somente ouvir a voz dos professores que tudo sabem. A carta pedagógica é, assim, revolucionária.

8. Para quem escrevemos?

Gosto de expressar esta característica com outra pergunta: Quem é o “outro” ou a “outra” que vai receber a nossa carta pedagógica? Uma carta pedagógica não é escrita a esmo, sem rumo. Eu, quanto estou aqui escrevendo, tive que fazer o exercício de imaginar quem leria cada palavra que escrevo. Preciso saber, de antemão, o destino da carta. Quem lerá, com qual finalidade, qual o impacto das minhas palavras na vida de quem lê.

Ao considerar escrever uma carta pedagógica, leve em conta, na minha opinião, o destinatário, a possibilidade de diálogo e a capacidade de gerar alteridade e compromisso em torno da mensagem ou reflexão que compartilhará. Veja, escrever já é uma tarefa árdua, não desperdice seu tempo e o tempo dos outros em algo inócuo, irrelevante.

O destino que aqui me refiro, não é o endereço, deixe que eu me explique. Uma carta é pedagógica quando seu conteúdo interagir com o ser humano, quando comunicamos o humano de nós para o humano do outro. Quem ensina isso é o professor Zitkoski, que eu citei acima. Veja que magistral esta reflexão. Só poderemos dialogar com os outros se estivermos conectados

intimamente. Um diálogo pedagógico não é raso e superficial.

A carta pedagógica tem o poder de reforçar a alteridade e o compromisso entre os seres comunicantes. A concordância com o texto e a troca de cartas vai reforçando as relações de interação e de dependência com o outro, gerando um comprometimento mútuo com a mensagem e com os seus reflexos teóricos e práticos. Veja que, ao escrever ao outro, você está, na verdade, se imbricando em um processo que pressupõe a sua presença incondicional. Portanto, escrever uma carta pedagógica ao outro é se colocar à disposição dos desdobramentos do diálogo que a carta gerará.

9. A resposta da carta pedagógica

Permitam-me dizer o óbvio: uma carta pedagógica anseia por uma resposta. Acredito que a essa altura deste texto você já sabe disso, mas digo para não deixar esta característica nas entrelinhas. Quero trazer aqui as palavras da professora Isabela Camini, ela diz que devemos incentivar respostas pedagógicas às cartas pedagógicas, para concretizar a vivência de uma nova cultura - dialógica - tanto da escrita da palavra, quanto da leitura da realidade de vida.

A resposta de uma carta é outra carta. Está entendido. Uma carta emitida se realiza quando respondida. A resposta, contudo, não é, necessariamente, uma resolução da discussão proposta na carta. Ela poderá vir como outras perguntas, como uma manifestação de abertu-

ra a saber mais, de dialogar, de comunicar outras dúvidas.

Numa carta em resposta à professora Camini, o pedagogo Francisco M. Teixeira traz essa reflexão acima, e afirma que a carta pedagógica é humilde e aberta à aprendizagem, e, também, cita Paulo Freire quando este disse que “ninguém é tão sábio a ponto de saber tudo e ninguém é tão ignorante a ponto de saber nada”. As cartas pedagógicas estão encharcadas dessa máxima freiriana, pois são incentivadoras da produção de conhecimento com base no cotidiano de quem escreve.

10. O método de escrita da carta pedagógica

As cartas pedagógicas podem ser escritas de uma diversidade de formas. Os métodos podem ser elaborados ou mais livres. As cartas pedagógicas, eu diria, estão abertas à criatividade de seus escritores. A escrita pode ser individual, quando queremos dialogar sobre algo mais íntimo com nosso parceiro dialógico, ou pode ser uma escrita coletiva, quando um grupo decide registrar, sistematizar e compartilhar sua caminhada com outros grupos.

Algumas autoras já compartilharam metodologias para a escrita de cartas pedagógicas, entre elas gosto muito de citar a professora Isabela Camini, que, no seu livro *Cartas Pedagógicas*, sugere um método em quatro passos, e a professora Ana Lúcia Souza de Freiras, que orientou a escrita de cartas pedagógicas em eventos, como o XIII Seminário Nacional Diálogos com Paulo

Freire, que ocorreu em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. Eu usei, ao invés de uma proposta de estrutura, um mote para a carta pedagógica. Foi isso que fiz no livro *Pedagogia da Gratidão – Cartas a Paulo Freire*, onde os autores e autoras foram instigados a escrever agradecendo a Freire sobre como o seu legado tocou a vida e a carreira profissional de cada um e cada uma.

Já sugeri, também, itinerários para escrita de cartas pedagógicas na nossa obra *Pedagogia das Primeiras Palavras*. Já no livro *Diálogo Freiriano*, deixei os autores e autoras das cartas livres para escreverem da forma como lhes parecesse melhor. Posso afirmar que as três formas funcionam perfeitamente. Creio que a criatividade é a principal potência das cartas pedagógicas, pois, historicamente, quando recebíamos uma carta pelos correios, não tínhamos a menor noção de como ela seria, longa ou curta, direta ou prolixa, questionadora ou informativa.

Vamos desvendando juntos quais as possibilidades de formas e conteúdos para nossas cartas pedagógicas. Vamos criando e recriando suas estruturas. Vamos reinventando a forma de escrever no meio popular e acadêmico. Vamos construindo a possibilidade de todos e todas escreverem e dizerem suas palavras. Vamos escre-

vendo a palavra e pronunciando o mundo novo que sonhamos juntos, mais livre e solidário.

Me despeço com a certeza que estamos vivendo e abraçando uma oportunidade pedagógica nova. Sou grato por poder fazer parte desta gente que ousa escrever de outros jeitos. Sou feliz por poder dialogar com quem eu admiro através de minhas cartas pedagógicas. Tenho orgulho dos livros que organizo com as cartas de educadores e educadoras que, com muita generosidade, compartilham suas experiências pedagógicas e suas boas práticas para fazer a educação mais bonita e crítica.

Uma carta é escrita para ser lida! Finalizo com esta afirmação. Pois escrevamos com nossas cartas pedagógicas uma nova história para a educação. Façamos de nossas cartas pedagógicas parte da nova cultura, mais dialógica e inclusiva, onde não seja negado o direito a palavra, o direito a sua manifestação livre e questionadora. Que as cartas pedagógicas se espalhem pelo mundo, levando a boa nova da justiça e da solidariedade.

Que Paulo Freire nos inspire com seu exemplo de escrever livros em formato de cartas pedagógicas. Ele nos deixou o testemunho do poder de uma carta no campo da educação. Sigamos seus passos, reinventando o caminho, mas mantendo a direção da educação crítica e problematizadora. Oxalá, tenhamos muitas cartas pedagógicas para escrever, para enviar e para responder aos nossos parceiros dialógicos. Que nunca nos canse a

mão e nunca nos falte tinta para escrever a nova história do novo mundo possível.

Com meu carinho e compromisso.

Subscrevo-me.

Veranópolis, 27 de dezembro de 2019.

Referências

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

DICKMANN, Ivanio (Org.). **Diálogo Freiriano**: cartas, relatos e artigos. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2019.

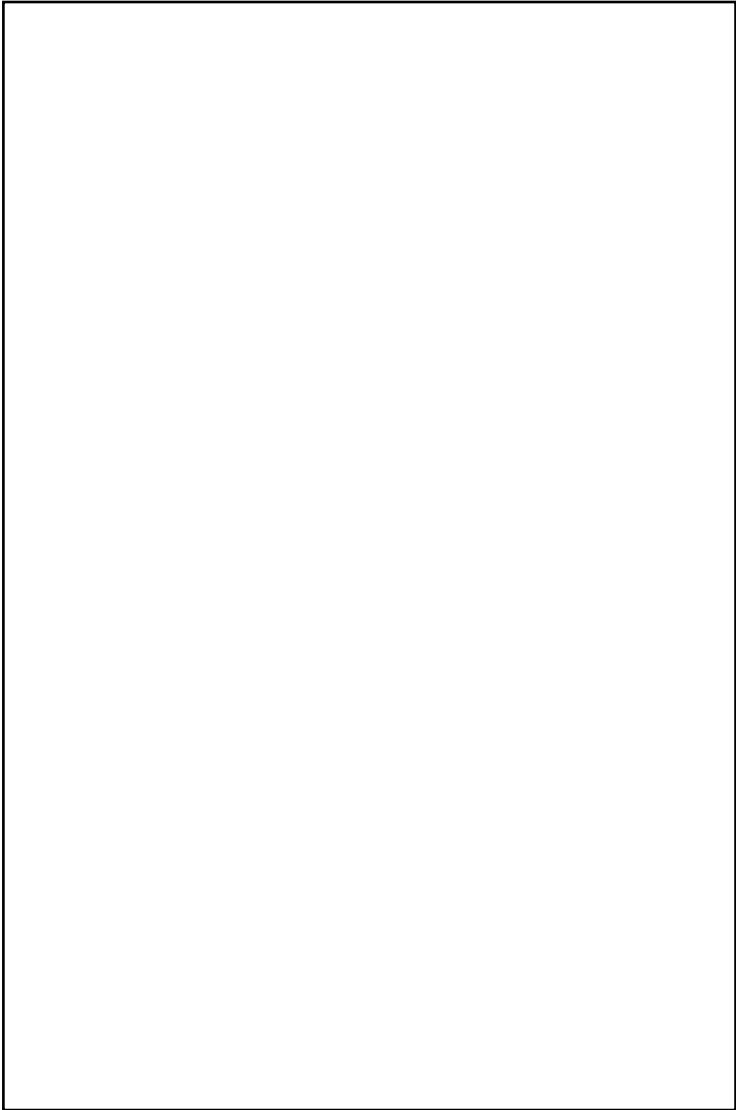
DICKMANN, Ivanio (Org.). **Pedagogia da Gratidão**: cartas a Paulo Freire. São Paulo: Dialogar, 2017.

DICKMANN, Ivo. DICKMANN, Ivanio (Orgs.). **365 Dias com Paulo Freire**. São Paulo: Diálogo Freiriano, 2019.

DICKMANN, Ivo. DICKMANN, Ivanio (Orgs.). **Pedagogia das Primeiras Palavras**: cartas pedagógicas. São Paulo: Dialogar, 2018.

DICKMANN, Ivo. DICKMANN, Ivanio. **Primeiras Palavras em Paulo Freire**. 3. ed. Chapecó: Livrologia, 2019.

Imagem Pedagógica



CARTA PEDAGÓGICA de Paris: registros de uma experiência em processo

Ana Lúcia Souza de Freitas



Fonte: elaborado pela autora a partir de acervo pessoal¹.

¹ Título: Recuperação do processo vivido (Figura 01).

Às leitoras e aos leitores de Fernanda Paulo e Ivo Dickmann:

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado. Daí que eu tenha falado antes no “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nós experimentamos em cada momento. (FREIRE, 1992, p. 28).

É com muito carinho que escrevo esta Carta Pedagógica de Paris, a convite de Fernanda Paulo e Ivo Dickmann. Inicialmente, vou justificar o título, o qual poderá parecer um tanto inusitado ou metafórico, quando se trata de uma expressão literal. Escrevo inspirada pela ambiência desta encantadora cidade, na qual me encontro realizando um ano sabático, iniciado em junho de 2019. Desde então tenho me dedicado a sistematizar a experiência de mais de 20 anos no ensino superior, revisitando minha tese de doutorado acerca da Pedagogia do Inédito-viável (FREITAS, 2004) e atualizando suas proposições metodológicas, entre elas, as Cartas Pedagógicas. Assim, de modo não planejado, mas também não por acaso, escrevi, entre agosto e dezembro de 2019, 16 Cartas Pedagógicas para diversas destinatárias e destinatários, com diferentes finalidades.

Entre as Cartas Pedagógicas produzidas neste período encontram-se as que ganharam o título de Carta Pedagógica e outros modos de expressão (11ª carta), dirigida à Fernanda Paulo, e Coordenação temática: Carta Pedagógica e outros modos de expressão (13ª carta), dirigida à Fernanda Paulo, Cleiva Aguiar de Lima e Nina Ventimiglia Xavier, ambas escritas em função do trabalho compartilhado de coordenação do eixo temático que recebeu este mesmo título, no XIII Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire. Realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves, em novembro de 2019, a proposição deste eixo temático fortaleceu o movimento de reinvenção das Cartas Pedagógicas enquanto modalidade de apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos de um modo geral e, de modo particular, aproximou-nos mais uma vez em relação ao tema.

Então fico contente porque o convite para esta escrita igualmente não ocorre por acaso, nem por indicação de terceiras pessoas, mas se justifica em função da referida proximidade em relação ao tema. Escrever esta Carta Pedagógica é, pois, mais uma forma de exercer o diálogo a este respeito. Diálogo, no sentido freireanamente exercido, cujas peculiaridades seguimos coletivamente aprendendo e ensinando ao longo de mais de duas décadas entre Fóruns, Seminários e Colóquios dedicados ao estudo do legado de Paulo Freire. Diálogo

que nos forma e nos transforma, mútua e reciprocamente.

Nestes estudos, e a partir deles, nossos caminhos se cruzam em muitos momentos de um percurso em que, em alguma medida, venho acompanhando a Fernanda em sua experiência acadêmica de transformar a militância na Educação Popular em temática de investigação e, de modo mais recente, em conteúdo e forma de seu trabalho docente no ensino superior. Assim, há algum tempo, somamos esforços no movimento de reinvenção do legado de Paulo Freire. Mas foi no ano de 2018 que o tema das Cartas Pedagógicas ganhou visibilidade nos encontros dedicados ao estudo do legado de Paulo Freire no RS, ampliando parcerias e perspectivas de atuação, bem como produções bibliográficas a esse respeito.

Diante do convite de Fernanda Paulo para escrever sobre Cartas Pedagógicas, me deparei com um sentimento ambíguo: a alegria em participar e o receio de me tornar repetitiva quanto à escrita sobre a função formativa das cartas e as Cartas Pedagógicas na obra de Paulo Freire (FREITAS, 2019). Por isso, ao intitular esta escrita como Carta Pedagógica de Paris, resolvi enfatizar o processo de reinvenção em andamento, cuja leitura me dedico a sistematizar. Neste momento, tomando distância - literal e epistemologicamente falando, desde Paris - foi possível perceber a complementaridade de algumas experiências que anunciam o potencial emancipatório im-

plícito no legado freireano acerca das Cartas Pedagógicas. É o que justifica o subtítulo atribuído como registros de uma experiência em processo. Vale dizer, para um conhecedor ou conhecedora do legado de Paulo Freire, o subtítulo faz óbvia referência à obra *Cartas à Guiné-Bissau* (FREIRE, 1978).

Em *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*, pela primeira vez, Paulo Freire publica textos escritos em forma de cartas. Nessa obra estão reunidas e publicadas correspondências efetivamente enviadas por Paulo Freire. No final de 1974, quando convidado para conhecer e apoiar o trabalho de alfabetização na Guiné-Bissau, “Paulo respondeu o convite do novo governo da Guiné-Bissau com uma carta, datada de 6 de janeiro de 1975, formalmente dirigida ao Engenheiro Mario Cabral.” (HADDAD, 2019, p. 116). Essa é a primeira das 17 cartas que integram essa obra, acompanhadas de uma introdução contendo três textos: primeira parte, segunda parte e *post scriptum*. Foram escritas inicialmente a Mario Cabral, mas também posteriormente à equipe local, tendo como finalidade orientar e acompanhar o trabalho educacional no país recém libertado do domínio português, cujo novo governo estabeleceu a alfabetização como uma de suas prioridades. Durante o período de janeiro de 1975 à primavera de 1976, no intervalo entre uma e outra das dez viagens realizadas à Guiné-Bissau, a escrita de cartas foi “um importante suporte para o trabalho desenvolvido a distância e

pensadas para orientar as equipes encarregadas do trabalho de alfabetização na África”. (HADDAD, 2019, p. 131). Posteriormente publicadas, as Cartas à Guiné-Bissau compõem um livro diferenciado; nas palavras de Paulo Freire, mais do que outras obras, esta tem o “caráter de livro-relatório” (FREIRE, 1978, p. 173). Com a riqueza de detalhes que apresenta, com ênfase nos aspectos metodológicos, as cartas disponibilizadas por meio dessa publicação seguem sendo referência para a reinvenção de práticas educativas transformadoras em outros contextos.

A escrita em forma de cartas é também empregada por Paulo Freire em outras obras, mas a expressão Cartas Pedagógicas aparece somente na Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos (FREIRE, 2000), publicada após a sua morte, em 2 de maio de 1997. Por meio dessa publicação, Ana Maria Araújo Freire (Nita) torna públicos os últimos escritos de Paulo Freire, elaborados em forma de cartas. Denominadas naquele momento por ele como Cartas Pedagógicas, a expressão seria título de seu próximo livro, cujo projeto ficou inconcluso. Ao preservar a expressão como subtítulo na publicação que organiza, Nita dá visibilidade ao conceito, anunciando um campo fecundo de reinvenção do legado de Paulo Freire.

Nesta Carta Pedagógica de Paris, apresento alguns registros de uma experiência em processo com o intuito de contribuir para a reinvenção do conceito, partindo do

entendimento de que a referida reinvenção se realiza a partir de práticas que lhes atribuem sentidos e significados. Para tanto, levando em conta a brevidade inerente à escrita de uma carta, faço uso de um outro modo de expressão: as imagens.

Convido para pausar a leitura do texto neste momento e dedicar alguns instantes para fazer a leitura da imagem de abertura (Figura 01), bem como da epígrafe que a complementa. Proponho observar atentamente, buscando reconhecer as informações nelas contidas e inferir o que se pretende expressar com essa composição. Sugiro anotar suas percepções, lembranças e curiosidades provocadas pela leitura da imagem antes de prosseguir a leitura do texto. Essa pode ser uma forma de exercer o diálogo com seu próprio pensamento, levando em conta as possíveis relações entre o conteúdo do texto e sua experiência em relação às Cartas Pedagógicas.

[...] Pausa para observação e anotações.

A imagem foi montada para expressar algumas das experiências cuja realização e participação constituem referência para a atualidade de minha compreensão, em processo de sistematização, acerca do potencial emancipatório das Cartas Pedagógicas. Está organizada em quatro quadrantes que representam diferentes momentos de um percurso no qual muitas parcerias se efetivam e integram, direta ou indiretamente, a elaboração desta compreensão.

O primeiro quadrante, superior, à esquerda, apresenta um momento bastante significativo do percurso da experiência em que as Cartas Pedagógicas se consolidam como procedimento de ensino. Um encontro com Ana Maria Araújo Freire (Nita) durante a realização do II Congresso Internacional Paulo Freire: o legado global, realizado em abril de 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além do grupo reunido em torno de Nita Freire, a imagem montada revela a expressão de alegria de duas mestrandas, integrantes do Curso de Mestrado Profissional em Gestão Educacional (MPGE), após a apresentação de suas Cartas Pedagógicas. A fotografia feita naquele momento foi, intencionalmente, uma forma de registrar a alegria compartilhada na autoria exercida por meio da produção de Cartas Pedagógicas.

O segundo quadrante, superior, à direita, retrata a expansão da experiência com as Cartas Pedagógicas. Durante um ano, demarcado entre a XX e a XXI edições do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, compreendendo, portanto, o período de maio de 2018 a maio de 2019, a experiência com as Cartas Pedagógicas extrapolou o espaço da sala de aula. No XX Fórum, as Cartas Pedagógicas foram reconhecidas como modalidade acadêmica de escrita, ao serem apresentadas como alternativa para a inscrição de trabalhos. No âmbito das ações da pesquisa Práticas de gestão da escola: saberes, tensionamentos e possibilidades, vinculada ao MPGE, as Cartas Pedagógicas foram reinventadas como Cartas Convi-

te aos gestores e gestoras escolares. Os resultados parciais da pesquisa foram motivo para andarilharmos (BRANDÃO, 2018) pelo interior do RS e por diferentes regiões do Brasil. A imagem montada busca expressar a complementaridade dos eventos cuja participação contribuiu significativamente para a expansão da experiência, em diferentes âmbitos de atuação. Estão representados, no sentido vertical, na parte superior e na inferior, as identidades visuais do evento Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, referentes às XX e XXI edições, respectivamente. Na parte central há uma sequência horizontal de imagens referentes a três outros eventos que também integram a diversidade das experiências compartilhadas ao longo deste período de um ano, a saber: o III Fórum de Leituras de Paulo Freire da Região Norte, de 22 a 24 de agosto, na Universidade do Estado do Amapá (UEAP), o X Colóquio Paulo Freire, de 20 a 22 de setembro, na Universidade Federal de Recife (UFPE) e o XII Diálogos com Paulo Freire, de 23 e 24 de novembro, nas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT).

O terceiro quadrante, inferior, à esquerda, expressa o recente percurso de internacionalização da experiência das Cartas Pedagógicas. A imagem montada retrata duas significativas atividades realizadas no segundo semestre de 2019, cuja complementaridade anuncia possibilidades de ampliação da abrangência das ações para o âmbito internacional. A primeira, a oficina intitulada Cartas Pedagógicas e outros registros: experiências, fun-

damentos e considerações metodológicas, realizada em conexão com Paris, no dia 12 de agosto, durante a I Jornada de Oficinas Metodológicas da Escola de Humanidades, na Unisinos; a segunda, o Atelier de Cartas Pedagógicas, realizado exclusivamente em Paris, no dia 30 de novembro, em parceria com o Comitê de Educação do Grupo Mulheres do Brasil. A imagem apresenta as Cartas de Boas-vindas, em versão nacional e internacional, elaboradas para cada uma das referidas atividades. Também apresenta algumas imagens relacionadas à escrita em si, chamando atenção para o emprego do Diário de Registros, cujos apontamentos sistemáticos durante o processo são material indispensável para a produção de Cartas Pedagógicas (FREITAS, MACHADO, SOUZA, 2017).

O quarto quadrante, inferior, à direita, expressa o momento atual, cuja ênfase está na análise do percurso reconstruído, com vistas à produção e comunicação de uma nova compreensão acerca do potencial emancipatório das Cartas Pedagógicas. De modo intencional, esta imagem tem uma dimensão maior do que as demais. Escolhi esta imagem das ruas de Paris para anunciar, preliminarmente, a boniteza (REDIN, 2018) do potencial vislumbrado. Mais do que as palavras, a imagem expressa a amplitude da compreensão, em processo de construção.

A imagem é de uma escultura de rua, de autoria do artista francês Henri de Miller (1953-1999), instalada

no ano de 1986 em frente à Igreja Santo Eustáquio, ao lado do Forum Les Halles. Este, uma imensa construção que abriga ao mesmo tempo um grande shopping center e a maior estação de trem subterrânea, a estação RER Châtelet - Les Halles. Nomeada pelo artista como *Écoute* (Escuta), a obra impacta turistas à primeira vista, apesar de que os/as moradores/as da cidade, no ir e vir apressado, nem sempre percebam a sua presença.

Junto à escultura, encontra-se, aos pés de quem se aproxima, uma placa com os referidos dados de identificação da obra. Além disso, inclui uma inscrição bastante instigante para a analogia aqui sugerida.

Figura 02: Identificação da obra



Fonte: acervo pessoal.

Em tradução livre, “Ouvindo rumores subterrâneos, como uma pedra, essa escultura é presa aleatoriamente por uma maré imaginária, nas margens do tempo.” Impressionada e instigada pela proposição da *Écoute*, de Henri de Miller, convido para tomarmos a imagem como codificação para expressar a compreensão sobre a escrita das Cartas Pedagógicas como um movimento (trans)formador, que inclui a escuta num sentido ampliado, ou seja, a escuta de si, mediante a experiência do diálogo. Essa é uma compreensão preliminar que orienta a continuidade do trabalho de sistematização da experiência (JARA, 2012) em andamento, conforme referido inicialmente.

Em síntese, os significados atribuídos a cada um dos quadrantes, bem como o que eles em conjunto buscam expressar, por meio da imagem montada, resultam do trabalho de recuperação do processo vivido, com vistas à sistematização da experiência. Segundo Oscar Jara, autor de referência dessa metodologia, este é um momento em que “devemos incluir ao menos duas tarefas específicas: a) reconstruir a história da experiência, e b) colocar em ordem e classificar a informação” (JARA, 2012, p.202). Assim, ainda que identificados como diferentes momentos, em função das ênfases que os caracterizam, de modo algum são momentos estanques, mas, ao contrário, integram o percurso de uma experiência em andamento, indicando novas ações e perspectivas. Entre elas, a perspectiva da internacionalização.

Os registros apresentados permitem considerar a experiência de reinvenção das Cartas como um processo coletivo e complexo, levando em conta o que diz Paulo Freire acerca do “parentesco” entre os tempos vividos no percurso da produção de uma compreensão.

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado. Daí que eu tenha falado antes no “parentesco” entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nós experimentamos em cada momento. (FREIRE, 1992, p. 28).

O emprego de suas palavras como epígrafe desta Carta Pedagógica de Paris tem a intenção de convidar para o compartilhamento das experiências já existentes, bem como de incentivar o emprego de Cartas Pedagógicas em outras ações de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Compreender e usufruir o potencial emancipatório implícito no legado das Cartas Pedagógicas é, pois, uma perspectiva que se espraia e nos desafia a fortalecer parcerias no movimento de reinvenção do legado de Paulo Freire.

Antes de finalizar, chamo atenção e justifico – imagino que já tenham observado – o modo como emprego a expressão Cartas Pedagógicas com letras maiúsculas. Tenho a intenção de deixar aqui minha sugestão. Propo-

no empregarmos letras maiúsculas na expressão Cartas Pedagógicas, concebendo-a como um nome próprio do legado de Paulo Freire, considerando ser essa uma forma de destacar a relevância e a atualidade de suas contribuições.

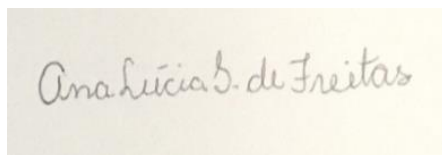
Ao me despedir, levando em conta a tradição da escrita de cartas como um movimento de ir e vir, registro por fim minha expectativa de que a leitura seja provocativa ao diálogo. Espero que possamos nos encontrar em um próximo evento para conhecer experiências e resultados, projetando novas ousadias. Deixo também o meu convite a quem desejar enviar uma Carta Pedagógica compartilhando sua observação, apontamentos e reflexão realizados a partir da imagem montada para esta Carta Pedagógica de Paris. Por meio da qual apresento, preliminarmente, a recuperação do processo vivido. Sua contribuição será importante para me ajudar a olhar, como diz Eduardo Galeano, em sua escrita intitulada *A função da arte/1*.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar! (GALEANO, 1997, p. 15).

As Cartas Pedagógicas enviadas para o e-mail 0311anafreitas@gmail.com serão muito bem-vindas e terão seu devido reconhecimento na análise em construção. Antecipadamente, agradeço todas as contribuições que com certeza me ajudarão a olhar, com maior detalhe e novas perspectivas, as dificuldades, as superações, os tensionamentos e desafios que permanecem, mas principalmente as aprendizagens e a *boniteza* deste percurso em que nos (trans)formamos mútua e continuamente.

Grande abraço, com carinho,

Paris, 31 de janeiro de 2020.

A photograph of a handwritten signature in blue ink on a light-colored background. The signature reads "Ana Lúcia S. de Freitas".

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Pedagogia do inédito-viável**: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras. Porto Alegre: PPGE/PUCRS, 2004. 989f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

_____. Carta sobre Cartas Pedagógicas: experiência e reinvenção do legado de Paulo Freire. In: DICKMANN, Ivanio (Org.). Diálogo Freiriano. - Veranópolis: **Diálogo Freiriano**, 2019, p. 55-64.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de; MACHADO, Maria Elisabete. SOUZA, Micheli Silveira de. O Diário de Registros como instrumento de (trans)formação docente. **Revista Ambiente & Educação**. Dossiê temático: Saberes, Práticas e Formação de Educadores(as)

tais. PPGA, FURG, Rio Grande, v. 22 n. 2, 2017. p. 6-27.
Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/viewFile/7886/5099> Acesso: 20 jan. 2020.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. – 5ª. Edição. – Porto Alegre: LP&M, 1997.

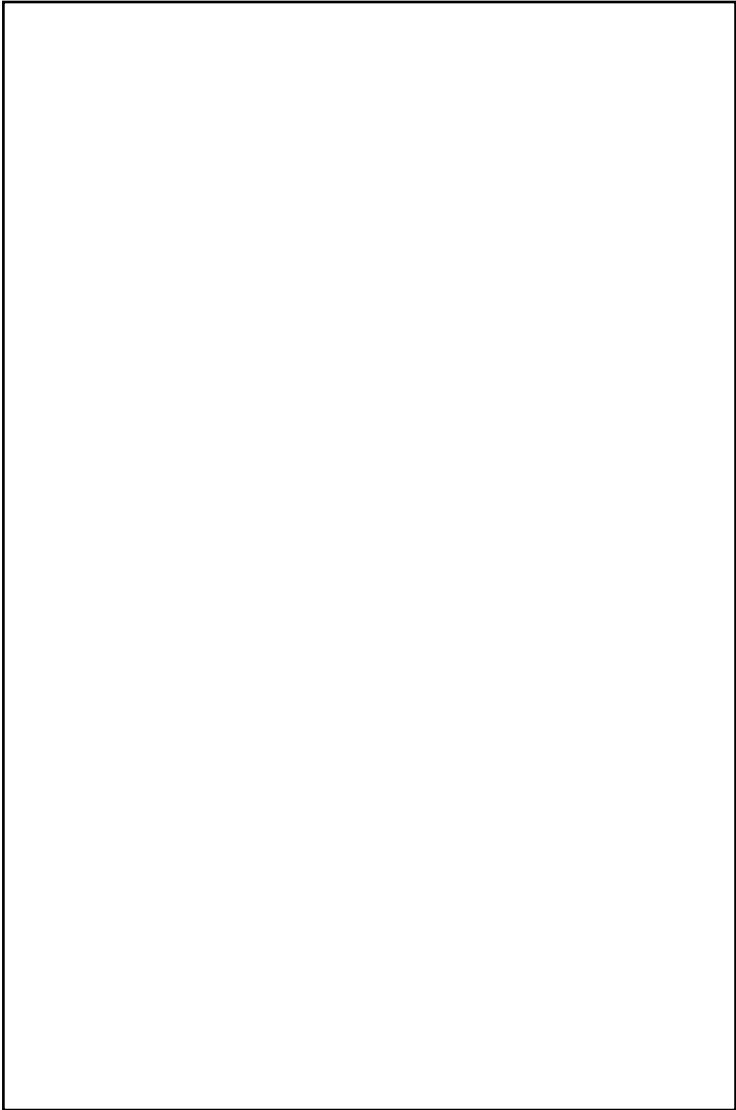
HADDAD, Sérgio. **O educador**: um perfil de Paulo Freire. São Paulo: Todavia, 2019.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **A sistematização de experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis. Tradução de Luciana Gafrée e Sílvia Pineviro ; colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach. Brasília, DF: CONTAG, 2012.

REDIN, Euclides. Boniteza. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 71-73.

VIEIRA, Adriano Hertzog. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

Imagem Pedagógica



Educação Popular nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: temas, ideias e sujeitos

Adriana Gaio

Fernanda dos Santos Paulo

Escrevemos essa carta com o objetivo de apresentar um pouco da nossa pesquisa, que visa analisar a contribuição das cartas pedagógicas do educador Carlos Rodrigues Brandão para a história da educação popular. Estamos realizando uma pesquisa bibliográfica e documental das cartas escritas entre 1964 a 1980. Na nossa pesquisa serão levantadas as seguintes temáticas: Quais os sujeitos que dialogavam com o autor na época? Quais os temas educacionais e ideias presentes nas cartas pedagógicas? Quais as contribuições do educador para a pedagogia latino-americana?

Essa carta é o relato de como estamos procedendo com os nossos estudos. Primeiramente, já de ponto de partida, destacamos que as cartas documentais do acervo pessoal de Carlos Rodrigues Brandão demonstram que a história da Educação Popular foi escrita e realizada por uma diversidade de pessoas, e muitas delas ainda estão invisibilizadas na pedagogia latino-americana.

Observamos que esse estudo é relevante para a nossa formação docente, mas principalmente para estimular e possibilitar reflexões sobre Educação Popular. Além disso, apresentaremos as contribuições de Carlos Rodrigues Brandão para o campo da educação.

Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, apresentamos algumas das sistematizações das cartas que narram trajetórias de Carlos Rodrigues Brandão no Brasil e em países da América Latina. Esses documentos demonstram as lutas em favor da educação popular. Os relatos, cujas experiências de trabalhos com grupos de pesquisa, na universidade e nos movimentos populares, evidenciam que o educador transitou por várias áreas: educação, teologia, antropologia.

Carlos Rodrigues Brandão, nascido em 14 de abril de 1940, no Rio de Janeiro, reconhecido pela participação militante nos movimentos de cultura popular a partir dos anos de 1960, considera-se como educador popular e antropólogo. Exerce a docência como profissão. Vem orientando trabalhos de mestrado e doutorado nas pesquisas com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação popular. Tem doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980) e atua como professor universitário desde a década de 1970, tendo a Cultura e Educação Popular como temas de pesquisa. Estudou Educação de Adultos no México, em 1966, sendo uma de suas áreas de estudo. Morou em vários estados do Brasil, como Brasília, Goiás e São Paulo, e já trabalhou como professor universitário em várias universidades brasileiras, dentre elas, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e na Universidade Estadual de Campinas, já aposentado desde a década de

1990. Seus textos são, sobretudo, nas áreas de Antropologia e Educação, tendo dezenas de livros e artigos publicados acerca dos temas acima citados. Já no campo da Educação, a ênfase de suas pesquisas e produções versa sobre Educação Popular. O educador carioca é, portanto, um andarilho do mundo e um militante apaixonado pela escrita, pela poesia, pela música e pela Educação e Cultura Popular. (PAULO; ZITKOSKI, 2016, p. 49).

Pelas cartas, podemos visualizar o caminho percorrido pelo professor Carlos Rodrigues Brandão. Apresentaremos tabelas representativas, que mostram temas, sujeitos e contextos em que foram produzidas as cartas. Observamos cursos, palestras, rodas de conversa, encontros e viagens realizadas pelo educador.

Ao analisar as cartas, escritas durante o período de 1964 a 1980, e a relação do professor Carlos Rodrigues Brandão com a Educação Popular através de escritos, identificamos que essas cartas são pedagógicas.

Mas o que são Cartas Pedagógicas? Entende-se por cartas aquelas que possuem cunho pedagógico, sendo dirigidas a diversas pessoas, com diferentes finalidades (VIEIRA, 2018) cujo princípio é político-educativo. Encontramos nas Cartas de Brandão diálogos que narram experiências educativas, a partir de práticas sociais, identificando pessoas que atuam na educação, referências teóricas, projetos e problemas educacionais. São mais de 100 cartas escritas entre 1964 a 1980. Nelas, constatamos narrativas e reflexões fundamentada sobre um tema educativo. Em geral, localizamos trajetórias de

educadores que escreviam sobre suas atividades educativas. Para essas cartas, não vamos falar de todos os documentos, pois eles serão apresentados na dissertação a ser defendida em 2021.

Apreciamos nas cartas uma ligação entre o autor e o surgimento da Educação Popular nos tempos que eclodiram a MEB e o MCP.

As cartas, entendidas como documentos, têm se tornado um instrumento de reflexão e informações sobre a visão do autor, suas possíveis ligações e contribuições para a história da Educação Popular. É possível perceber que a troca de cartas tem discussões relevantes sobre a educação, a exemplo da preocupação especialmente com a educação indígena, com o negro e as relações com o branco, assim como com o tema da religiosidade popular. O trabalho com esses documentos também tem mostrado uma forma de lembrar o processo vivido e de registro dessa memória, sendo marcado por um encontro de ideias e temas dialogados entre professores, alunos, estudiosos e comunidades.

A Carta é um gênero textual que permitiu a comunicação entre educadores, e torna-se pedagógica porque possui elementos que a caracterizam como tal. Segundo Camini (2012), uma carta só terá cunho pedagógico se nos provocar o diálogo pedagógico, a reflexão, e, por isso, precisa estar grávida de pedagogia. Nas cartas de Brandão, verificamos muitas pedagogias, estas embasadas pela Educação Popular.

A partir dos estudos com as cartas de Brandão, identificamos que pesquisas documentais com cartas contribuem para aquilo que Boaventura de Sousa Santos, no livro “Epistemologias do Sul”, chama de não desperdiçar a experiência.

Brandão, ao registrar sua trajetória dialogada, nos permite refletir sobre as diversas formas de registro de uma experiência pedagógica e sobre como ela pode se tornar publicizada como teoria.

Para demonstrar o que estamos realizando em nossos estudos, vamos apresentar uma tabela de identificação de temas e sujeitos presentes nas cartas pedagógicas. O resultado desse trabalho será divulgado na dissertação, em artigos e capítulos de livros.

| Cartas | Temas | Sujeitos diretos | Sujeitos citados | Instituição | Cidades, estados, países citados |
|-----------|-------------------------------------|------------------|---|------------------------|---|
| 1 1976 | Cultura popular Trabalho docente | Osmar Fávero | Florestan Fernandes Frei Laudovico Braulio do Nascimento Luís Eduardo Vanderlei Porchard Demerval Saviani | UNI-CAMP Editora Vozes | Argentina São Paulo Rio Branco Rio de Janeiro Goiás |

| | | | | | |
|-----------|---|--------------------------------|--------------------------|--|---|
| 2 1977 | Mesa redonda sobre Educação Popular e curso mito e simbolismo | Roberto | Antônio Augusto Fernanda | USP ISER UNI-CAMP UNB | Brasília Sousas Campinas Fortaleza México |
| 3 1977 | Cursos na UNI-CAMP dedicados a análise da religião do ponto de vista da antropologia social. Lançamento da revista Estudo sobre Religião e Sociedade religião e sociedade | Roberto | Iulo Brandão | UNI-CAMP SPBC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) UNB | Brasília Campinas Goiânia São Paulo |
| 4 1977 | Religiosidade popular Trabalho na Universidade (Unicamp) | Não identificado (companheiro) | Rubem Alves | CEI USP UNI-CAMP | Paris São Paulo Rio de Janeiro Goiânia Anhanguera Campinas |

| | | | | | |
|-------------------|--|--|---|--|---|
| <p>5 1977</p> | <p>Condições de trabalho na Unicamp</p> <p>Estudos (necessidade de estudar)</p> <p>Práxis e análise da conjuntura</p> <p>Poesia como resistência</p> <p>Práxis da literatura</p> <p>Antropologia da práxis.</p> <p>Memória de pós-graduação.</p> | <p>Clodomir Monteiro nasceu em Marília, estado de São Paulo, Brasil, teólogo, advogado, antropólogo e professor universitário.</p> | <p>Rubem Alves Mauro (professor da Unicamp) Daniel Gross (Ecologia na Amazônia) da Universidade de Brasília - departamento de ciências sociais)</p> | <p>Universidade de Brasília Unicamp USP</p> | <p>São Paulo Campinas Acre México</p> |
| <p>6 1978</p> | <p>Educação Popular e o processo de conscientização</p> <p>Religião e cultura popular</p> | <p>Companheiro (não identificado)</p> | <p>Zé Inácio Maria Alice Rubem Cesar Júlio Barreiro</p> | <p>Rio de Janeiro México Brasília Brasil América Latina Campinas Goiânia</p> | <p>UNI-CAMP</p> |

| | | | | | |
|------------|--|--|---|---|---|
| 7 1976 | Condições de trabalho, Arte Cultura e ciência, Publicação de trabalhos | Nazira | Amélia Zé Luís Mindé Osmar e Lurdinha Joel | USP UNI- CAMP Secretaria de edu- cação | Campinas São Paulo Rio de Janeiro |
| 8 1979 | Júlio Barreiro | Educação Popular, trabalho com o povo e religião popular no Brasil | Paulo Freire | UNI- CAMP | América latina Planalto central Itapira |
| 9 1976 | Carta de Francisco Alves Livro de Francisco Alves | Roberto | Melatti Klass Mário Prof. Fernando Gilda | UNI- CAMP UNB | Brasília Estados Unidos Goiânia Goiás Arraial dos Sou- sas |
| 10 1980 | Signos de fé C.P.T. (novo trabalho) | Carlos | Henri Lourdes Gabriel Nicola Saulo | Britania C.P.T. | América latina Goiás Tocantins Imperatriz e marabá Sampaio Conceição do Ara- guaia Grajaú no Maranhão Tocanti- nópolis Conceição |

| | | | | | |
|------------|--|--------------|---|------------------|--|
| 11 1980 | Educação e alfabetização popular Trabalhos de Educação Popular | Nicole | Paulo Nadir Cida Galego Patrícia Vilma Sonia Cristiane Martins Paulo Dário e Teresinha | CPT | Goiás Campinas São Paulo Santa fé São José Itapirapuã Conceição do Araguaia Rio Tocantins Uberlândia Rio grande do Sul Goiânia Brasília Manaus |
| 12 1980 | Compor uma equipe entre teóricos e práticos da Educação Popular na UNICAMP Concentração entre Educação Popular ou em sociologia da educação para o mestrado | Paulo Freire | Jether Wefford | CESE UNI-CAMP | Europa São Paulo Goiás Rio de Janeiro |

| | | | | | |
|------------|--|--------------|---------------------------|------------------------------------|---|
| 13 1980 | Canções de militância Do poema que fazem parte do nosso livro a questão política da educação popular Material de São Tomé e Príncipe | Paulo Freire | Não consta | Editora SBPC Folha de São Paulo | São Paulo São Tomé e Príncipe Goiás |
| 14 1980 | Encontro de Carlos Brandão e Paulo Freire no encontro nacional de supervisores nacionais em Goiânia | Prezado Caio | Aloisio Magalhães Luís | PUC/SP Editora SPBC | Goiânia |

A amostragem acima demonstra o quanto Brandão é um andarilho da Educação Popular. Vejamos os emissores e destinatários das cartas do educador. Osmar Fávero, por exemplo, é um educador reconhecido na trajetória de estudos e pesquisas sobre Educação Popular. Na tese de Paulo (2018), localizamos fotos e depoimentos

destes dois educadores. Aqui, socializaremos uma foto e um depoimento. Posteriormente, um fragmento de uma carta trocada entre eles:



Figura 2. (PAULO, 2018, p. 39).

Na tese de Paulo (2018, p.68-69), encontramos um depoimento no qual Fávero cita o Brandão. Vejamos:

[...] para atuar no social, olhar para os problemas políticos da época, pela minha atuação no movimento estudantil. [...] Eu fiz parte do movimento de educação popular, no MEB - um braço da Ação Católica, nos anos de 60. Fiquei seis (6) anos no MEB. O Carlos (Brandão) começou a trabalhar comigo em 1963, era estudante de psicologia. Ele era monitor. Nesse período, a expressão Educação Popular era muito usada. (Entrevista concedida a Fernanda Paulo em agosto de 2015).

Na carta escrita para Osmar, Brandão conta sobre o seu trabalho como professor e pesquisador na univer-

sidade. Fala de produções de livros e pesquisas. Além disso, narra sobre suas relações de trabalho e de amizades.

Na carta destinada a Roberto, Brandão relata sobre atividades desenvolvidas e sobre outras a serem realizadas, como participação em reuniões, viagens a trabalho, sobre o seu doutorado, publicações, seu trabalho na UNICAMP e de uma atividade de Educação Popular.

Concluimos nossa carta apresentando o caminho e tema de estudo que estamos realizando desde 2019. Desejamos que nossas pesquisas venham a contribuir com a história da educação popular. Estudos bibliográficos e documentais estão sendo realizados, e, em 2020, teremos mais uma mestranda que irá pesquisar a Educação Popular a partir das cartas de Brandão. Estamos empolgadas com estudos que se utilizam de fontes primárias e com a escrita de Cartas.

Joaçaba, janeiro de 2020.

Referências

BOAVENTURA, S. S. MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almeidina, 2009.

BRANDÃO, C. R entrevista sobre Educação Popular e Universidade. São Paulo: 2015. Entrevista concedida a Fernanda dos Santos Paulo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [**Correspondências**]. Destinatário: vários. 1976 a 1980.

CAMINI, I. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Outras Expressões, 2012.

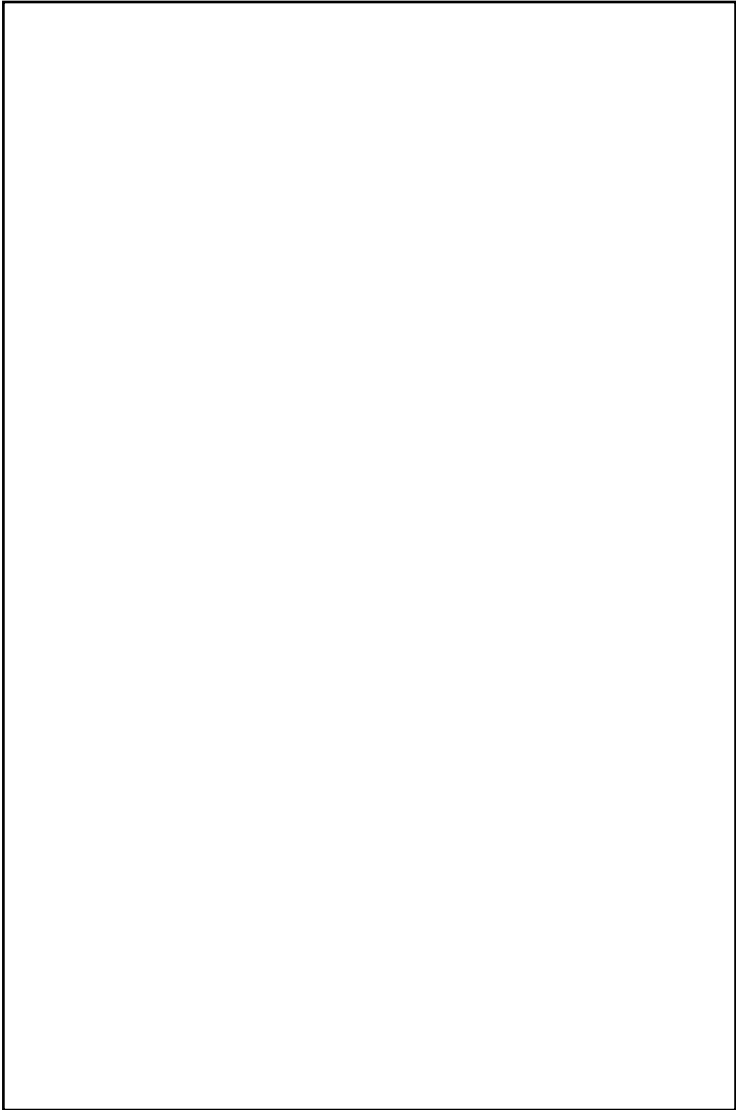
FÁVERO, O. **Entrevista sobre Educação Popular e Universidade**. Rio Grande do Sul: 2015. Entrevista concedida a Fernanda dos Santos Paulo.

PAULO, F. S. **Pioneiros e Pioneiras da Educação Popular Freiriana e a Universidade**. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

PAULO, F. S.; ZITKOSKI, J. J. **A Educação Popular e a vocação ontológica do ser mais: um estudo da trajetória de Carlos Rodrigues Brandão na Universidade**. *Ciência em Movimento - Educação e Direitos Humanos*, v. 18, n. 37, 2016. p. 47-54.

VIEIRA, A. **Cartas Pedagógicas**. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

Imagem Pedagógica



Cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a educação não escolar

Fernanda dos Santos Paulo

Marcia Selau dos Santos

Esta carta se caracteriza como pedagógico-descritiva e analítica. Desejamos contar a nossa trajetória de estudos sobre Educação Popular; em especial, da pesquisa intitulada Memória e história da Educação Popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a pedagogia latino-americana. A partir do mapeamento das cartas de Carlos Rodrigues Brandão tem sido possível identificar e analisar a história da educação popular em documentos inéditos, as cartas. Estas são oriundas do acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão, assentado em Poços de Caldas/Minas Gerais, e foram entregues a mim em janeiro de 2019. São 488 cartas, as quais compõem nosso objeto de estudo, possuindo relevância no campo histórico-educacional, mas nesse texto apresentamos um breve estudo de 65 cartas, entre os anos de 1996 a 2001.

Nosso estudo acerca do pensamento do educador Carlos Rodrigues Brandão mediante cartas inéditas traz significativas contribuições para a educação Popular, sobretudo no atual contexto político-cultural do país e

no cenário de transição histórica do país desde os anos de 1960. Na atual conjuntura, a educação encontra-se assentada por políticas conservadoras e embasadas pelo neoliberalismo, conseqüentemente promotora de uma pedagogia da exclusão (GENTILI, 1994; 1996). No cenário educacional brasileiro hodierno, em que o movimento Escola sem Partido se destaca entre grupos conservadores neoconservadores (APPLE, 2000; 2013), a Educação Popular é marcada pelo movimento de resistência. Brandão, em suas cartas, desde os anos de 1960, questiona a educação conservadora, elitista e silenciadora.

O objetivo geral do estudo é mapear, identificar e analisar a história da educação popular em documentos inéditos do acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão, apresentando contribuições para a pedagogia latino-americana a partir do registro de experiências educacionais, ainda silenciadas nas produções intelectuais. Também, visamos constituir a memória, através de entrevistas com o pesquisador, portador dos materiais empíricos, em torno dos tempos e espaços que foram produzidas essas experiências. Para este artigo do livro, o objetivo específico é apresentar temáticas da Educação não Escolar identificadas nas cartas de Brandão trocadas entre 1996 a 2001. A nossa análise tem como referencial Paulo Freire.

O mapeamento das cartas vem sendo realizado desde janeiro de 2019. A partir de então, fomos produzindo tabelas que colaboram na identificação e análise

da história da educação popular em documentos inéditos (cartas) do acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão. Com esse material, estamos organizando relatórios, trabalhos, artigos e um livro que possam contribuir com o registro de experiências educacionais, ainda silenciadas nas produções intelectuais.

Foram criadas tabelas com dados referentes às cartas (emissor, destinatário, data, local e assunto). Segundo Lüdke e André (1986), a partir da análise documental, conseguimos estudar e analisar os documentos buscando identificar informações acerca de um determinado tema e de questões problematizadoras. A análise documental está sendo realizada mediante o uso da codificação e decodificação dos conteúdos, presentes tanto nos documentos e nos registros das entrevistas realizadas com Carlos Rodrigues Brandão.

Assim sendo, a análise para este trabalho constituiu-se pela escolha do recorte temporal (1996 a 2001), cuja garimpagem documental e exame inicial do material deu-se a partir da temática a ser analisada. A categorização e a análise crítica foram elaboradas após a organização do material de pesquisa. As cartas, tomadas como documentos, são consideradas como história, e, nos documentos, estão sendo extraídas temáticas que eram discutidas nesses anos e que podem contribuir para a continuidade da história da Educação Popular. Os dados da realidade são assumidos como objeto possível de produção de conhecimento, estes advindos de sujeitos históri-

cos. Ao localizar e selecionar as cartas, fomos lendo uma a uma. Depois, fomos sistematizando-as em tabelas. Em um quarto momento, analisamos as evidências que se apresentam, quanto aos sujeitos, locais e temas discutidos nas trocas de cartas.

Esses cinco passos (localização, seleção, leitura, sistematização e análise) foram definidos por nós, ou seja, se vinculam à escolha dos métodos de análise, que vão do materialismo histórico dialético à fenomenologia crítica utilizada por Paulo Freire (PAULO, 2013).

A educação Popular é uma temática de interesse de muitos pesquisadores brasileiros (PAULO, 2018), mas pouco se tem trabalhado com pesquisas documentais através de documentos inéditos, como cartas trocadas entre intelectuais.

Carlos Rodrigues Brandão nasceu em abril de 1940, no Rio de Janeiro, em Copacabana, período em que o Brasil vivia intensas mobilizações políticas. No Rio de Janeiro, morou até a vida adulta, onde cursou o ensino médio clássico, que o aproximou das ciências humanas. Lá, depois de ter iniciado o curso de filosofia, optou pelo curso de psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; formando-se em 1965, iniciou uma trajetória no campo da antropologia, em detrimento da sua “inclinação para a psicologia social”. Nesse período, ele já iniciara a sua participação no movimento que fazia parte da Ação Católica Popular, com um trabalho cuja

vertente do pensamento era de esquerda e que ia de encontro com a vertente conservadora da igreja católica.

Brandão foi um dos fundadores dos Movimentos e Centros de Cultura Popular, na década de 1960. Ainda nessa década, ingressou como professor universitário em Brasília (UnB), e, posteriormente, em Goiânia (UFG). Em Campinas, na Unicamp, é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia; e, em Minas Gerais, é professor visitante da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Desde então, continua articulando o trabalho na universidade com outros espaços educativos não escolares. A datar os anos de 1960, atua no campo da Educação Popular, bem como se tornou antropólogo e educador popular por opção.

Brandão ingressou e acompanhou o trabalho realizado pelo MEB-Goiás, a partir de 1963, juntamente com Alda Maria Borges Cunha. Ali “tive uma atuação muito intensa”. (Brandão, entrevista concedida em agosto de 2015). Também foi membro da Juventude Universitária Católica (JUC), participando da Ação Popular (AP). Esse movimento foi “severamente reprimido na ditadura militar e, inclusive, fechado pela ala conservadora da igreja católica” (Ibidem). Brandão é da geração de Betinho, frei Beto e Leonardo Boff, pessoas que fazem parte da sua trajetória. Ele afirma que a sua participação na Ação Católica o influenciou na sua formação política e acadêmica, ou seja, “a Ação Católica foi para mim a minha

universidade, mais do que a própria universidade”. Ainda enuncia que sua formação é permeada pela dupla militância: movimento estudantil e ação católica.

No sul de Minas Gerais, Brandão tem um sítio chamado Rosa dos Ventos, que possui marcas interessantes, principalmente porque é um espaço aberto para quem quiser entrar e ficar. É nesse espaço que se encontravam as Cartas de Brandão.

Segundo Cellard (2008, p. 296), documento é “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’”. Os documentos podem ser dos mais variados tipos (escritos ou não), incluindo jornais, diários, cartas, gravações, fotografias, filmes, mapas, etc. (GIL, 2008). Em nosso caso, utilizamos cartas (correspondências) de um intelectual brasileiro, da Educação Popular, o educador Carlos Rodrigues Brandão. Queremos socializar fotos que registram o nosso trabalho de pesquisa:

ESCRITÓRIO DO BRANDÃO NA ROSA DOS VENTOS



Fonte: Das autoras.

No catálogo de teses e dissertações da CAPES, não localizamos nenhuma pesquisa realizada com as cartas de Carlos Rodrigues Brandão. O educador, segundo esse banco de dados, orientou 42 pesquisas, com mais de 170 participações em bancas.

No caso específico das cartas de Carlos Rodrigues Brandão e a presença de temas não escolares, as temáticas identificadas foram:

| 65 cartas | | |
|-------------------------------|--|--|
| Temas da Educação Não Escolar | Frequência dos temas discutidos ou citados | Trecho representativo de Cartas escritas por Brandão |
| Educação Popular não escolar | 17 vezes | <p>O meu mundo é mesmo o da universidade, além do mundo dos nossos círculos de educação popular, principalmente os vinculados aos movimentos da igreja católica. Agora mesmo eu venho de uma jornada de 2 dias na PUC de São Paulo, dando minha parte no Curso de Verão de formação de Agentes de Pastoral. (Carta, 1999).</p> <p>De um trabalho só. Pois bem. Depois de anos às voltas com a educação e, de maneira especial, com a Educação Popular e a educação ambiental, eu retorno a um caminho antigo, mas nunca esquecido: a cultura popular. (Carta, 2001a).</p> <p>Entre outros tantos acontecimentos, neste ano de 2001 lembramos os quarenta anos da Educação Popular e os “oitenta anos de Paulo Freire”. Os que estivemos sempre envolvidos com a Educação Popular, vivemos o ano inteiro entre intensos encontros, seminários e simpósios. Não esquecer o Fórum Mundial de Educação de Porto Alegre. (Carta, 2001b).</p> |

| | | |
|---|----------|---|
| Movimentos da Igreja Católica | 10 vezes | O meu mundo é mesmo o da universidade, além do mundo dos nossos círculos de educação popular, principalmente os vinculados aos movimentos da igreja católica . Agora mesmo eu venho de uma jornada de 2 dias na PUC de São Paulo, dando minha parte no Curso de Verão de formação de Agentes de Pastoral . (Carta, 1996). |
| Saúde | 13 vezes | Realização de oficinas multidisciplinares, oficinas vivenciais, palestras, seminários, conversas informais, shows e exposições nas áreas de literatura, dança, teatro, promoção a saúde , educação, meio ambiente e folclore em 10 cidades. (Carta, 1999). |
| Teatro | 9 vezes | Encontro de profissionais da cultura nas áreas de literatura, música, Folclore popular, dança, teatro e outras vertentes culturais, saúde, educação e meio ambiente foi facilitado pela linguagem universal - a arte, com vistas a uma nova perspectiva de multiplicação de consciência e ações nestas áreas. (Carta, 1999). |
| Dança | 7 vezes | Dança – Manifestações Folclóricas Tema: Importância da valorização e preservação da cultura popular e do folclore nos dias de hoje. (Carta, 1999). |
| Educação, Sindicatos e Movimentos sociais | 6 vezes | A UNIPOP está festejando neste ano os seus 10 anos de existência. 10 anos dedicados à capacitação dos movimentos sociais e comunidades de base . 10 anos de luta pela cidadania. (Carta, 1997). |

| | | |
|-------------------|---------|---|
| Educação indígena | 4 vezes | Falando de DOM TOMÁS BALDUÍNO: Um ser Político na essência da palavra. Embora sendo um homem de visões largas e, conseqüentemente, capaz de muitas presenças, mesmo sem o dom da ubiquidade, enveredando, com força e decisão, pelas áreas da formação, saúde, educação, causa indígena , luta pela terra, revela ter duas paixões e um amor Paixões pelos índios e pela terra . E amor pela libertação de ambos e, também, de todos. (Carta, 1999). |
| Campo e cidade | 3 vezes | Queremos trazer para a vida de todos os dias das crianças, dos adolescentes, das jovens, dos adultos e das idosas do campo e da cidade , os velhos e sempre presentes sonhos de Paulo Freire. (Carta, 2001) |

São 8 grandes temas discutidos nas cartas analisadas, sendo que estas cartas discorriam sobre temas discutidos e trabalhados por Brandão. Interessante que Paulo Freire é citado 18 vezes nas 65 cartas analisadas, sendo que o educador é citado no tocante à Educação Popular, política, cultura, à Educação de Jovens e Adultos, a sua tese (Educação e atualidade brasileira), ao método, atividades na Unicamp e acerca de alguns de seus livros.

Os temas não escolares retratam o que Brandão escreve em seu livro O que é Educação, ou seja, que ela “existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centra-

lizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. ” (2007, p. 13).

Se entendemos o que Freire (1994a, p. 102) fala sobre a “importância fundamental da educação enquanto ato de conhecimento, não só de conteúdo, mas da razão de ser dos fatos [...]”. “Compreendemos que nas cartas de Brandão a Educação tem seu sentido amplo, é plural e possui intencionalidade explícita. Identificamos que o conceito de revolução cultural perpassa os significados das atividades educativas não escolares, cuja formação política com vistas ao processo de conscientização visa tomar “a sociedade em reconstrução em sua totalidade, nos múltiplos quefazeres dos homens, como campo de sua ação transformadora [...]”. ” (FREIRE, 1993, p. 156).

A Educação Popular é, a partir da análise das cartas, a concepção de educação que embasa a revolução cultural que exige ações transformadoras a partir de práticas educativas ético-políticas. Nesse caso, essas práticas educativas podem ocorrer a partir de atividades com teatro, com a dança, nos movimentos populares, nas diferentes áreas sociais e espaços educativos. Paulo Freire é um dos autores que se apresenta como referencial de Brandão e de muitos de seus interlocutores.

No livro *Cartas a Cristina*, Freire destaca que as práticas educativas “ancoram uma compreensão crítica da educação” (1994b, p. 163), onde o diálogo é o caminho orientador da práxis, tornando as palavras escritas em palavração. As cartas de Carlos Rodrigues Brandão

expressam o diálogo entre intelectuais engajados, mediado pela práxis libertadora - característica fundante de uma revolução cultural necessária à verdadeira libertação/emancipação. A Educação Não Escolar, presente nas Cartas, é um espaço potente e imprescindível na história da Educação Popular. Queremos realizar um estudo sobre esse tema em nível de mestrado, pensando em contribuir com as relações entre Educação Escolar e Educação Popular. Em breve, estaremos socializando sobre essas relações.

Porto Alegre, fevereiro de 2020.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994a.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994b.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.); **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

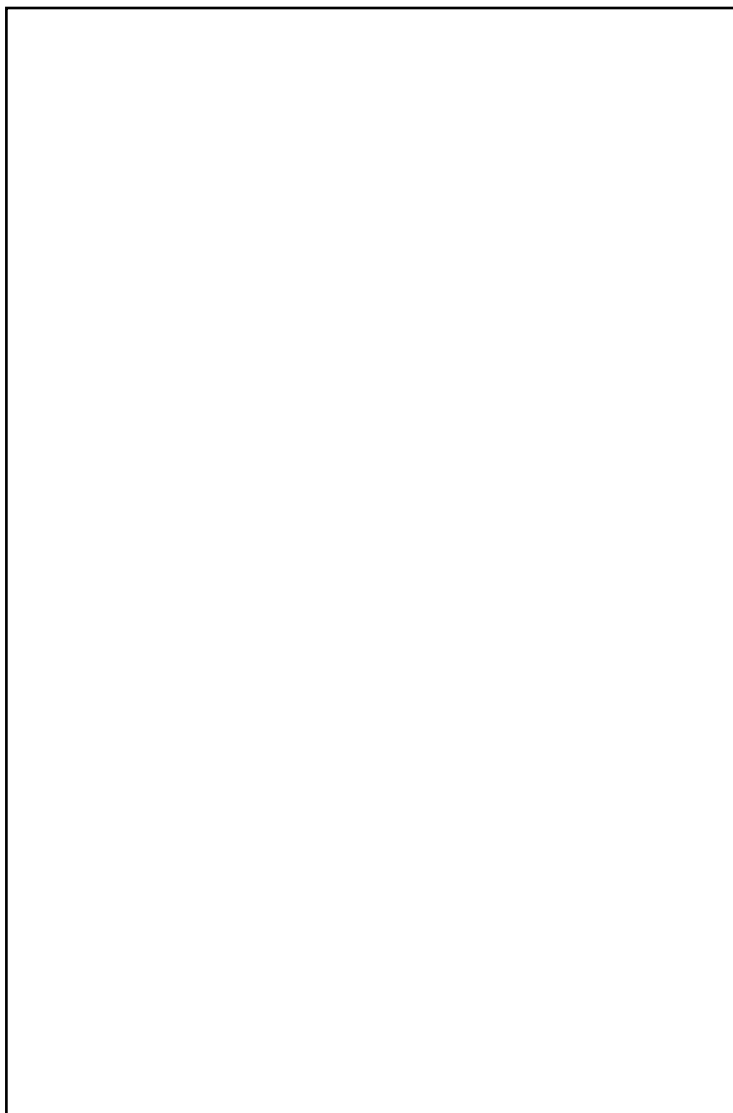
Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Imagem Pedagógica



Algumas reflexões sobre política e educação no movimento de EJA: reflexões e diálogos freirianos

Santa Rita de Caldas/MG, 30 de Dezembro de 2019.

Remetente: César Ferreira da Silva, Santa Rita de Caldas/MG

Destinatário: Carlos Rodrigues Brandão/Rosa dos Ventos, Caldas/MG

*“Querido Mestre e amigo Professor Brandão
Com carinho lhe escrevo essa presente reflexão
Um abraço...”
César Ferreira da Silva...*

“Os sonhos são projetos pelos quais a gente luta” (FREIRE, 2001)

Em uma Manhã ensolarada aqui na Capela, como é conhecida a Cidade de Santa Rita de Caldas, no Sul das Minas Gerais, escrevi uma pequena reflexão que gostaria de compartilhar com você; é um escrito que acaba de nascer em meio a um turbulento momento que vivemos em nosso país e sobretudo em nossa educação em âmbitos Brasileiros; envio a você pois remete diálogos que vão do MEB, a qual você trabalhou, aos Movimentos de Cultura e Educação Popular, a quais você esteve diretamente ligado. Veja o que acha dessas reflexões e delas

espero nem que seja um singelo retorno de ti; começo explanando mais ou menos assim: Algumas Reflexões sobre Política e Educação no Movimento de Educação de Jovens e Adultos (EJA), reflexões e diálogos Freirianos.

Discorrer sobre reflexões quer versam diálogos entre política e educação no contexto do Movimento de Educação de Jovens e Adultos não será tarefa fácil; todavia, pesquisadores como o Senhor (1989/2020), Paulo Freire (2001), Bárbara Freitag (1986) e Débora Jeffrey (2015) podem ajudar nessa empreitada. É de suma importância um breve resgate histórico das políticas sociais nas origens da EJA, e de um de seus principais fundadores, Paulo Freire, para poder-se construir as presentes reflexões.

No início da década de 1960, muitas proposições relevantes marcam demasiadamente esboços de novas ideias e propostas de ação social, através da cultura e da educação junto às classes populares; emergem no Brasil movimentos que repercutem relevância social até os dias atuais, e, neles, a EJA. Nos seus primeiros momentos, a ideia de uma nova cultura popular irrompe como uma alternativa pedagógica de trabalho político, que parte da cultura para demasiado crescimento ao apelo dos movimentos sociais. Paulo Freire surge neste cenário político pedagógico como um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular (MCP). O contexto histórico é muito importante para compreensão das temáticas dos Movimentos de Educação Popular, tal qual a Educação de

Adultos, que, nesse sentido, se insere e começa a ganhar destaque em âmbitos nacionais a partir das décadas de 1960, sendo esse período marcado por várias Campanhas destinadas a alfabetização de adultos.

No início dos “anos sessenta”, o que emerge são os Movimentos de Cultura Popular, que irão abarcar a Alfabetização Popular; a ideia central desses movimentos era a de Cultura Popular, e que posteriormente veio a se tornar como conhecemos hoje de Educação Popular. Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido* (1994), nos mostra que: “Se a direção racional de tal processo já é política, então conscientizar é politizar. E a cultura popular se traduz por política popular, não a cultura do povo, sem política do povo” (FREIRE, 1994, p. 11). Assim, entre os anos 60 e a atualidade, a reflexão procurará fazer interagirem a Cultura e a Educação, ou, em termos mais próximos, a Cultura Popular e a Educação Popular.

Destarte, essa abordagem, calcada em textos que vão de Paulo Freire ao Movimento de Educação de Base (MEB 1961), tem como grande panorama estrutural a questão fundamental das origens da Educação Popular e que apresenta repercussão até os dias atuais; essa grande questão foi a grande ideia de Paulo Freire em lutar contra o “pedagogismo tradicional”. Freire pensava a Educação dentro da Cultura, e a Cultura como política e o processo de evolução e transformação da sociedade; nesse sentido, o que surge em 1960 vem a se chamar Cultura

Popular e Movimentos de Cultura Popular (MCP), e, nele, o MEB, a qual o senhor veio a trabalhar.

A disseminação de saberes inclusivos que a Educação Popular e a EJA nos trazem, proporcionam-nos possibilidades de esperança em tempos sombrios os quais vivenciamos em nosso país; todavia, o trabalho em forma de lutas diárias continua e a Educação Popular precisa ser fortalecida, segundo o senhor e Assumpção (2009, p. 30-31), em seu Livro *Cultura Rebelde: Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora*, explanam através de um trecho de uma conferência sobre Educação Popular realizada em Santiago de Chile (1988), através do qual justificam a Educação Popular:

O que justifica a Educação Popular é o fato de que o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar seu próprio saber.... Estamos em presença de atividade de Educação Popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculado a aquisição de um saber (que pode ser muito particular ou específico) com um projeto social transformador. Educação Popular é quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. Pelo que foi exposto antes, o fato é que se a Educação Popular pode ser entendida como uma atividade específica, ela, por outro lado não requer ser realizada no interior do sistema educativo formal, separada do conjunto de práticas sociais do indivíduo. (La Educación Popular Hoy em Chile: Elementos para Definirla, ECO, Educación y Comunicación, Santiago de Chile, 1988 - sem indicação de autor, p. 9)

A Educação de Jovens e Adultos nasce no seio desses movimentos de Cultura Popular e Educação Popular, na década de 1960; e, atrelado a esses movimentos, começam a surgir projetos de alfabetização de adultos; ganham notoriedade, através do Método de Alfabetização desenvolvido por Paulo Freire, o projeto que recebeu o nome de Método Paulo Freire. Ainda nesse sentido, Freire obteve notoriedade Nacional e Internacional com a experiência obtida em Angicos (1963), através da alfabetização de 380 trabalhadores em 40 horas. Nesse contexto, podemos compreender que “A campanha de alfabetização de Angicos foi um marco na educação brasileira, sobretudo do que se refere a Educação de Adultos” (SPIGOLON, 2009, p. 203)

Em dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ganha solidez como política pública, no que tange estar resguardada por lei, sobretudo na Constituição Federal de 1988. É muito importante ressaltar que a EJA é caracterizada por ser uma instituição aberta para as pessoas que querem garantir seus direitos como cidadãos, capazes de ler, escrever e de atuar dentro da sociedade de forma emancipada em suas constituições intelectuais; em si, é um espaço onde pessoas têm a oportunidade de integrarem, socializarem e interagirem os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Contudo, é um espaço de aprendizado político e pedagógico, através do qual o desenvolvimento da consciência crítica produz o que Freire chama de educação como

prática de liberdade. O Educador Popular da EJA, nesse contexto, é um mediador, responsável pela garantia de direitos constitucionalmente obtidos, e agente propulsor de transformação social.

Pensar a EJA é pensar em Paulo Freire. Entendo que além de pesquisar Paulo Freire, é preciso viver Paulo Freire, tanto em esferas acadêmicas quanto em esferas sociais, através do relacionamento com qualquer indivíduo da sociedade. E, com as questões do mundo no qual estamos inseridos, pensar Paulo Freire é buscar compreender como essas relações podem contribuir com a sociedade, e, sobretudo, entender, através do olhar de Freire, o atual momento político educacional, onde estamos enfrentando todas essas dinâmicas desumanizadoras do capital, que avançam sobre todos nós como uma onda de segregação ideológica que dissemina o ódio e a violência. Paulo Freire nos pediria para ficarmos juntos, unidos, e lutarmos por uma sociedade justa, por uma educação pública e de qualidade, laica e socialmente referenciada de todos e para todos, e sobretudo uma educação que não seja neutra e sim que produza uma consciência crítica, tal como postulou em sua obra *Política e Educação* (2001).

Não basta somente sonhar com uma educação de melhor qualidade. É preciso ir além de nós mesmos, de nosso comodismo, e adentrar diferentes realidades sociais, para podermos encontrar mecanismos de superação da problemática social vigente, usando palavras

que semeiem a liberdade intelectual e emancipatória em cada indivíduo que se encontre em sociedade, que levem ao desenvolvimento da consciência crítica e que desenvolvam autonomia política e social na visão de pessoas que possam aprender a modificar seus saberes até então cristalizados. Pensar Paulo Freire é pensar em liberdade e em esperança, e o mais importante, em amor ao próximo.

Gosto muito de um trecho de seu livro intitulado: “O que é educação Popular”, escrito em 1989; nele, o senhor nos diz que “A educação de hoje em dia não é boa ou ruim, é uma educação de classe, que infelizmente trabalha a serviço da classe dominante”. Acredito que vivemos esse mesmo paradigma, mesmo já tendo se passado “Trinta Anos” da escrita desse tão importante e atual livro. Pois bem, acredito que posso melhorar ainda mais essa reflexão inserindo nesse contexto uma importante pesquisadora e Professora da Faculdade de Educação da Unicamp/SP; ela se chama Débora Jeffrey.

A Professora Débora Jeffrey (2015), como pesquisadora da EJA, defende a qualidade de ensino na Educação de Adultos, sobretudo nos variados contextos onde ela se insere, e ressalta que a EJA é um mecanismo fundamental na qualidade de vida da população que a necessita, e que também resguarda os direitos políticos, sociais, culturais e econômicos da população que se insere como público da EJA.

Outra importante pesquisadora, que pode corroborar a presente reflexão, é a Professora Bárbara Freitag (1986), que, em sua obra *Escola, Estado e Sociedade*, contrapõe com o pensamento político educacional de Paulo Freire no que concerne à educação como um fato social, no qual todo indivíduo sofre uma ação político-educativa estando inserido no sistema social democrático; conquanto, faz uma severa crítica ao aparelho ideológico do estado, sobretudo no que concerne à educação como uma mera mercadoria pedagógica em prol do capitalismo. Assim como o Senhor (1989/2020), Freire (2001), Freitag (1986) e Jeffrey (2015) sonham e lutam por uma sociedade melhor, é nosso dever sonharmos juntos, e lutarmos por práticas educacionais inclusivas, libertadoras, humanísticas; assim, estaremos assumindo o que Freire e todos esses Educadores acreditam e sonham, que o Brasil e o Mundo tenham uma educação como prática de liberdade. Por fim, encerro esta reflexão com uma linda frase do livro “Política e Educação”, de Paulo Freire, de que vale a pena sonhar: “Os sonhos são projetos pelos quais a gente luta” (FREIRE, 2001).

Portanto, querido amigo e mestre Brandão, deixo essa presente reflexão, na certeza de que podemos construir muitos outros sonhos e utopias juntos, seja pelos caminhos acadêmicos ou nas veredas das montanhas da Rosa dos Ventos...

Até Breve...

De seu Co-Orientando... César Ferreira da Silva.

Referências

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. 3ª ed. São Paulo, editora Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, C. R. ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura Rebelde: Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora**. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Que fazer: Teoria e prática em Educação Popular**. São Paulo: Vozes, 1989.

FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade** 6ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1986.

JEFFREY, Debora C. **Política educacional: interfaces com a epistemologia**. Curitiba: CRV, 2015.

SPIGOLON, N. I. (2009). **Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz educação**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

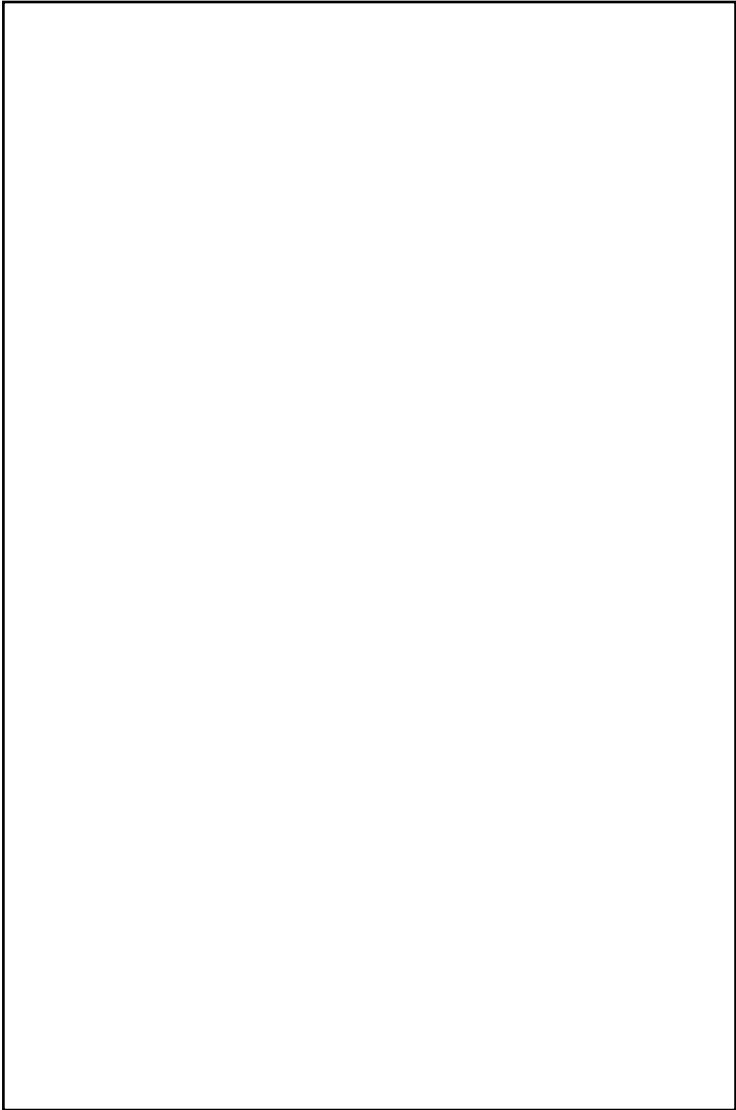
Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Imagem Pedagógica



Educação de Jovens e Adultos: um tema fronteiriço da Educação Popular

Edson Douglas Pereira Casagrande
Fernanda dos Santos Paulo

Caros leitores e leitoras,

É com grande satisfação que venho compartilhar um pouco dos meus estudos desenvolvidos como aluno do Programa de Mestrado em Educação na Unoesc (Joaçaba/SC) a respeito da EJA - Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente, os desafios da atuação docente na EJA em prisões. Essa carta escrevo junto com minha orientadora, Fernanda Paulo.

Tenho acompanhado de perto o atual cenário em que se desmonta a educação brasileira, período então chamado de “retrocesso político-educacional”. Faço parte do quadro efetivo de professores que atuam no magistério da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Também atuo há pouco mais de um ano como professor de matemática na EJA prisional, acompanhando assim as mudanças e manobras políticas que estão acontecendo.

Essa modalidade de ensino foi instituída oficialmente como política pública em 1988, com a Constituição Federal em seu artigo 208, que diz: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia

de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria". A LBD - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) em seu capítulo II, seção V, alterada pela Lei 13.632, de 2018, estabelece algumas definições básicas sobre a Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (Incluído pela Lei nº 11.741, de 2008).

A trajetória histórica da EJA no Brasil me remete a um cenário de luta e reafirmação de direitos diante de um profundo descaso político. Desde os primórdios, com a alfabetização dos padres jesuítas, que tinham co-

mo objetivo a catequização e implantação da civilidade europeia, muitos embates ocorreram e perspectivas educacionais diversas surgiram.

Nesse trajeto, foram realizadas diversas campanhas, que tiveram os seus efeitos, como o MEB – Movimento de Educação de Base, nos anos de 1961 a 1966, se tratando de um programa de alfabetização por meio de escolas radiofônicas, encabeçado pela CNBB – Conferência Nacional de Bispos do Brasil, e financiado pelo governo de Jânio Quadros. Destaco aqui a Lei Saraiva, de 1881, na qual foi instituída a proibição do voto para analfabetos, e, assim, havendo um esforço político e não uma política de direito social.

A educação de adultos com o MEB, nesse período, passa a ter uma perspectiva de Educação Popular Crítica. Paulo Freire, mediante sua proposta pedagógica com compromisso político e social, inicia atividades educativas no setor de Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), de 1947 a 1954. Posteriormente, mais ligado contato com a educação de adultos, os quais eram trabalhadores. Nesse período, começou a atuar em movimentos de educação popular, como foi o caso do Movimento de Cultura Popular (MCP), de Recife. Importante destacar que a proposta de educação de adultos de Paulo Freire foi inspirada no Movimento de Educação de Base (MEB) e nos Centros de Cultura Popular (CPC). Destacam-se, também, o movimento “De pé no chão também se aprende a ler”, de Natal, e o Sistema Paulo Freire.

LIVRO DE LEITURA



“De Pé no Chão Também Se
Aprende a Ler”

Adaptação do “Livro de Leitura para Adultos” do Movimento de Cul-
tura Popular do Recife — Trabalho supervisionado pela Professora
Maria Diva de Saete Lucena

Fonte: <http://forumeja.org.br>

Estudando sobre o tema da Educação de Jovens e Adultos e buscando conhecer a sua história relacionada à Educação Popular, observei que Brandão é um teórico importante para a educação em todas as suas modalidades.

Estando inseridos no Grupo de Estudos: Paulo Freire e Educação Popular, coordenado pela minha orientadora, fui apresentado a leituras de Brandão e de Freire com maior aprofundamento. Curiosamente, ao estudar sobre esse tema, que faz parte da minha trajetória profissional, descobri que Carlos Rodrigues Brandão é um dos protagonistas do MEB e da história da educação de adultos. Minha orientadora o entrevistou para sua tese (PAULO, 2018), e em uma das suas conversas ele contou que:

Eu fui da JUC, do MEB e fui da AP, desde quando se chamava grupão. Mas não continuei filiado a grupo nenhum. Durante esse tempo de Goiás, eu fiz um trabalho ligado à Igreja, participando de um grupo chamado Igreja e Sociedade na América Latina, fazendo viagens pela América Latina. Foi um grupo perseguido. Dele deu origem ao CEDI - Centro Ecuménico de Documentação e Informação. [...] O MEB, um movimento rural, foi muito, muito forte na minha vida. A minha trajetória vem daí, desse momento. [...] são os movimentos de Cultura Popular, (primeiro encontro no Recife, inclusive tem um livro sobre isso, saiu lá em Pernambuco “50 anos dos MCP”) e eu inclusive participei de um Centro de Cultura Popular da UNE, no Rio de Janeiro. A Educação popular e cultura popular eram discutidas fortemente [...]. Foi muito interessante, tempo de uma extrema militância, de Educação popular. Fui para o México fazer um ano de Educação de adul-

tos. Na Juventude Universitária Católica conheci o Padre Vaz, um grande teólogo da JUC, o nosso guru, nosso teórico. Paulo Freire, na época, era um cara que tinha um método de alfabetização, veio a ser mais tarde nosso teórico, também. (BRANDÃO, 2017).

O fragmento da entrevista de Brandão, concedida em 2017 para a pesquisa de Paulo (2018), representa um percurso de um educador reconhecido na história da Educação Popular. Ao estudar a educação de Jovens e Adultos, busquei conhecer autores que me ajudassem a fundamentar a concepção dessa modalidade de educação à luz de Paulo Freire. A partir do Freire e das aulas do curso de Mestrado, conheci a Educação Popular e, com elas, autores como Carlos Rodrigues Brandão. Com base nesses autores, tive o contato com o livro “História do Movimento de Cultura Popular”, organizado por Germano Coelho. Nesse livro, descobri que, em 1962, o MCP iniciou um trabalho de educação de adultos com alfabetização, um convênio junto com a Prefeitura e Ministério da Educação e Cultura. Ali estava a Educação Popular com possibilidade de mudança da estrutura societária, pois lutava-se pelos direitos sociais do povo e por uma sociedade democrática.

Brandão, anos depois, escreve sobre *O que é método Paulo Freire*, livro que ajuda a entender a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Educação Popular, diferente da pedagogia tradicional. A alfabetização com o viés crítico, não separando educação da cultura e do trabalho. No Recife, Germano Coelho é um sujeito im-

portante para conhecermos parte das relações entre EJA e Educação Popular, sobretudo na concepção de ensinar e aprender. Realizando uma pesquisa sobre ele, localizamos, eu e minha orientadora, recortes de jornais os quais vamos socializar aqui, pois eles demonstram a questão política-conscientizada presente na proposta pedagógica advinda dos Movimentos de Educação Popular:



Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/5911.pdf>



Fonte: <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/5911.pdf>

Nessa entrevista podemos localizar nomes como Germano Coelho, Paulo Freire Paulo Rosas. Interessante que, no excerto que compartilhamos aqui, um ponto é fundamental, a dimensão epistemológica da educação de adultos na perspectiva da Educação popular: a pesquisa participante. Vimos a urgência de trazer nessa carta essa

história, que, muitas vezes, não nos é apresentada na graduação.

Para conhecer sobre os Movimentos de Cultura Popular e sua relação com a educação de Adultos, sugerimos o livro “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961-64): Uma escola democrática de Moacyr de Góes, que foi Secretário de Educação, em Natal, durante o governo de Djalma Maranhão, nos anos 60.

O desafio da EJA está intrinsecamente ligado ao desafio social de pobreza do país, e, a partir do que contamos anteriormente, esse desafio é histórico e político. A taxa de analfabetismo no Brasil é de 6,8% (IBGE, 2018), a qual está concentrada quase 25% do percentual brasileiro nas regiões norte e nordeste. Fiz uma comparação com os mesmos dados do IBGE no mesmo ano (2018), relacionando as pessoas abaixo da linha pobreza, as quais também se concentram nestas mesmas regiões, somando o percentual de quase 50% do percentual brasileiro, que é de 26,5%.

Diante dessas colocações, meu interesse é pesquisar sobre a EJA prisional. Algumas perguntas nos são recorrentes:

1. Existem aproximações entre Educação Popular e EJA prisional?
2. Como são formados os professores para o contexto da EJA prisional?
3. Que tipo de materiais didáticos são utilizados na EJA prisional?

A educação no sistema prisional brasileiro, quando ofertada, é de responsabilidade das Secretarias Estaduais de Educação ou por convênio com as Secretarias Municipais. Em alguns estados, como em Santa Catarina, o programa está vinculado a EJA, e, portanto, recebe recursos previstos pelo Fundo de Financiamento da Educação Básica no Brasil (Fundeb), que vale lembrarmos tem o prazo de validade para 31 de dezembro de 2020, pois entrou em vigor em janeiro de 2007. O fundo recolhe recurso público e distribui o montante entre todas as redes de ensino públicas. Vários Fóruns de EJA, em seus estados, vêm discutindo a necessária manutenção do FUNDEB, pois ele expirará no final deste ano. Nesses Fóruns (Site: <http://www.forumeja.org.br/>), a Educação Popular se faz presente, sobretudo na parte que trata da Memória e História da EJA. Outrossim, encontramos, nesse portal, manifestação contra a retirada do título de Patrono da Educação Brasileira concedido a Paulo Freire.

É preciso, portanto, que a EJA deixe de ser considerada uma condição de política pública compensatória com programas e campanhas que não geram resultados proeminentes, de caráter emergencial, para de fato ser considerada uma modalidade de ensino importante, digna de uma melhor e mais sólida política educacional que a sustente.

A educação prisional no Brasil, de forma oficial e com legislação específica, é muito recente e se tem um caminho longo nesse trajeto. É preciso fazer cumprir a

legislação e assumir o compromisso da chamada “ressocialização” por todos os integrantes desse processo. É preciso mais investimento em infraestrutura e ampliação dos espaços, como também disponibilizar formação continuada para professores que atuam nesses espaços. A história ainda não acabou, e, apesar dos tropeços, é possível mudar, ainda que um pouco tardiamente, a trajetória. Só assim poderá se descortinar a tão esperada transformação política e social. Por isso, a história da Educação Popular nos traz esperança, porque sabemos que “Mudar é difícil, mas possível.” (FREIRE, 2000, p. 94).

Campos Novos, 09 de fevereiro de 2020.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História e Memória da Educação Popular** [Entrevista cedida a Fernanda dos Santos Paulo]. Minas Gerais, Poço de caldas: abr. 2017.

COELHO, Germano. **MCP - História do Movimento de Cultura Popular (1960-1964)**. Recife: Ed. do Autor, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

PAULO, Fernanda Santos. **Pioneiros e Pioneiras da Educação Popular Freiriana e a Universidade**. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

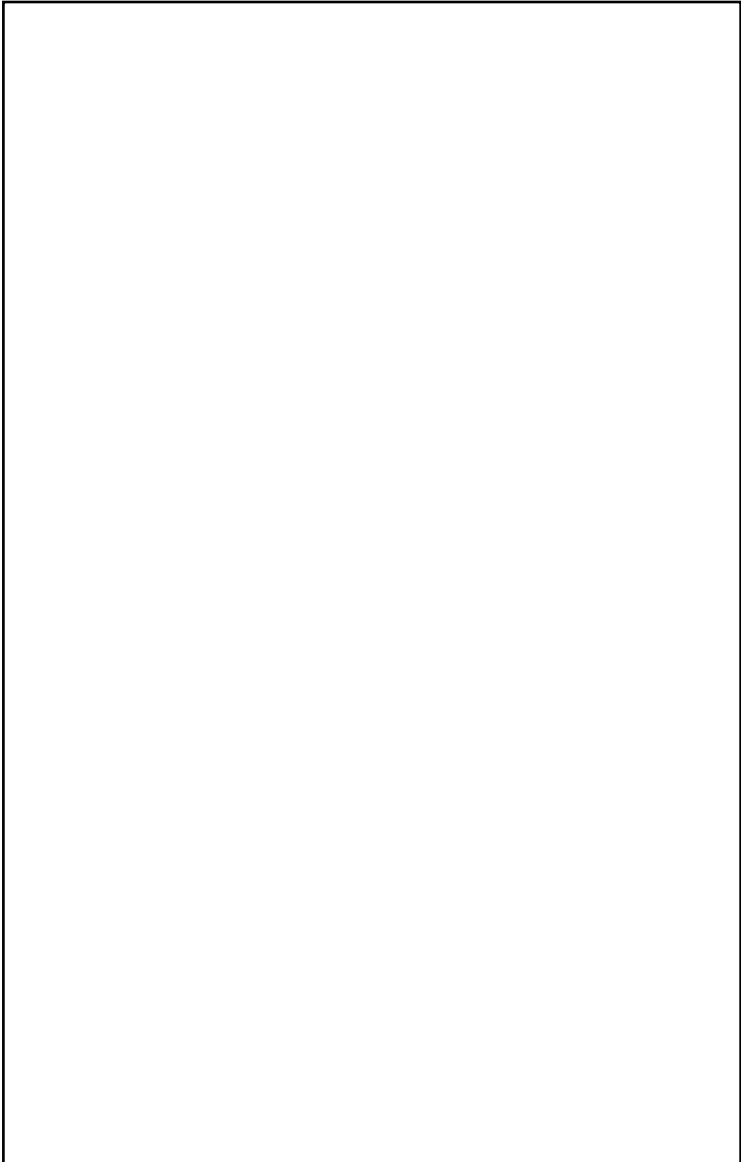
Síntese do Texto

Uma palavra

Uma frase

Um parágrafo

Imagem Pedagógica



Sobre as autoras e os autores

ADRIANA GAIO - Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da UNOESC, pesquisando a História da Educação Popular a partir de Cartas do Carlos Rodrigues Brandão. Participante do Grupo de Estudos e de Pesquisas: Paulo Freire e Educação Popular da AEPPA. Também do Grupo de Pesquisa “Formação Docente e Práticas de Ensino”. Possui graduação em Geografia pelo Centro Universitário Internacional (2018). Atualmente é professora de geografia na rede Municipal de ensino do município de Concórdia-SC. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, Ciências Humanas e Educação Ambiental. Interessada na área da Educação, Políticas Públicas, Direitos Humanos, Relações Étnicos-Raciais e educação popular.

ANA LÚCIA SOUZA DE FREITAS - Doutorado em Educação pela PUCRS (2004) e Pós-Doutorado em Educação pela Liverpool Hope University (2015). Coordenadora do Grupo de Pesquisa (CNPq) Formação de Professores e de Gestores e Práticas Pedagógicas. Atualmente realizando um ano sabático em Paris/FR, dedica-se ao projeto? Cartas Pedagógicas e outros registros: legado e reinvenção do pensamento de Paulo Freire em diálogo com outros autores e autoras? Por meio do qual sistematiza a experiência de mais de 20 anos no ensino superior,

amplia estudos no âmbito da Pedagogia Crítica e revisita a tese da Pedagogia do Inédito-viável (2004), atualizando proposições metodológicas. É autora dos livros *Pedagogia da Conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores* (EDIPUCRS, 2001) e *Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referência* (Méritos, 2014); coautora e organizadora dos livros *Paulo Freire em diálogo com outros autores/as* (Méritos, 2013), contra o desperdício da experiência: a Pedagogia do Conflito revisitada (Redes, 2009), entre outros; autora de vários verbetes no *Dicionário Paulo Freire*, entre eles, registro e curiosidade epistemológica. Participou, de forma continuada, por mais de vinte anos do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, tendo exercido a função de coordenação geral do evento em duas edições e integrado a Comissão Coordenadora Estadual em diversas edições, além de exercer, nos últimos anos, a coordenação do eixo temático Paulo Freire em diálogo com outros autores e autoras. Foi professora da Rede Estadual do RS e da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, trabalhando também como assessora pedagógica da SMED. Atuou como docente no UNILASALLE, na UERGS, na PUCRS, na FURG e na UNISINOS. No Unilasalle, integrou o Núcleo de Educação Popular, vinculada ao Projeto Sonho Possível que deu origem à Escola La Salle Sapucaia do Sul, organizada por ciclos de formação. Integrou a Comissão Coordenadora do Curso de Especialização em Gestão Pública Participativa na UERGS. Integrou a Co-

ordenadoria de Avaliação e a Coordenadoria de Ensino da Pró-Reitoria Acadêmica da PUCRS e exerceu a Coordenação de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Curso de Pedagogia. Na UNISINOS, integrou o corpo docente do Mestrado Profissional em Gestão Educacional, atuando na linha de pesquisa Gestão Escolar e Universitária. Também integrou a Comissão Permanente de Avaliação e Acompanhamento de Projetos de Pesquisa (CPAA). Possui graduação em Pedagogia pela FAPA (1991), com habilitação em Supervisão Escolar e mestrado em Educação pela PUCRS (1999).

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO - Licenciado em psicologia e Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1974). doutor em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em antropologia do simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. É "*fellow*" do St. Edmunds College da Universidade de Cambridge. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência

na área de antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação, com foco na Educação Popular. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás, doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia, e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas. Escreveu artigos e livros nas áreas de antropologia, educação e literatura.

CESAR FERREIRA DA SILVA - Bacharel em Psicologia e Psicólogo pela Faculdade Pitágoras, Poços de Caldas/MG, (2017). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2019). Atualmente é Mestrando em Educação pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, (2020). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) pela mesma Universidade. Autor de Livros como: Políticas Públicas De Saúde Sobre Drogas: A Reabilitação Psicossocial e a Dependência Química (2019); A Influência da Sociedade no Adoecimento Psíquico: Reflexões Contemporâneas de uma Sociedade Adoecida (2019); As Contribuições da Psicologia da Educação Frente ao Adoecimento de Professores de Educação Infantil (2019) e Trabalho e Adoecimento do Professor da Rede Pública e Privada de Ensino: Reflexões Sobre o Mal-Estar Docente

(2019). Autor de Livros, Capítulos de Livros, e Artigos Científicos. Possui experiência na área de Psicologia Clínica e Psicologia Social com ênfase em Clínica Ampliada e Saúde Mental, Desigualdades e Vulnerabilidades Sociais, Educação e Adoecimento Psíquico. Eixos de Pesquisa: Psicologia Social, Educação Popular, Sociologia da Educação, Educação Escolar.

EDSON DOUGLAS PEREIRA CASAGRANDE - É mestrando do curso de Mestrado Acadêmico em Educação na Universidade do Oeste de Santa Catarina - Joaçaba/SC. Possui licenciatura em Matemática pelo Claretiano Centro Universitário (2016) e é bacharel em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2015). Atualmente é professor de matemática na Unidade Prisional Avançada de Campos Novos e assistente administrativo da Universidade do Oeste de Santa Catarina - Campos Novos/SC atuando na coordenação das licenciaturas. Participante do Grupo de Estudos e de Pesquisas: Paulo Freire e Educação Popular da AEPPA. Também do Grupo de Pesquisa “Formação Docente e Práticas de Ensino”. Tem experiência na área administrativa universitária e de ensino da Matemática, com ênfase em Matemática, atuando principalmente nos seguintes temas: matemática, Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular.

FERNANDA DOS SANTOS PAULO - Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos, Bolsista Capes - Proex (2014-2018). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Bolsista CNPq (2012-2013). Especialista em Educação Popular: Gestão de Movimentos Sociais pelo Brava Gente e Instituto IVOTI (2007-2010). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Metodista/IPA (2006-2008). Curso Normal em nível médio (Magistério). Educadora Popular na Associação de Educadores Populares de Porto Alegre/AEPPA e coordenadora do Núcleo de formação política e do Grupo de Trabalho de construção de Propostas de Cursos de Extensão, Graduação e Especialização para Educadores Populares. Professora do Instituto de Desenvolvimento Social Brava Gente em parceria com a Faculdade Santo Augusto/FAISA, atuando nos cursos de Especialização e Extensão. Professora Tutora da Uniasselvi/IERGS no curso de Pedagogia. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UNOESC, orientando Mestrado e Doutorado, com ênfase em Educação Popular. Integrante do Grupo de Pesquisa: Mediações Pedagógicas e Cidadania, na UNISINOS. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação não Escolar; Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos, Universidade Popular, Pedagogia freiriana, Formação de Educadores Populares e Educadores Sociais, Movimen-

tos Sociais, Políticas Públicas educacionais e história e memória da Educação Popular. Participa como membro da coordenação desde 2017 do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul (FEJARS).

IVANIO DICKMANN - É Historiador e Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Pós-Graduado em Gestão de Políticas Públicas e Projetos Sociais. Possui Certificação Internacional em Gestão de Projetos. Editor Chefe da Editora Diálogo Freiriano. Assessor e Mentor de Organizações Não Governamentais. Estudioso de Paulo Freire e da Educação Popular, bem como da Economia Solidária, Cooperativismo e Negócios Sociais. Atualmente faz doutorado em Educação na Universidade de Caxias do Sul - UCS.

IVO DICKMANN - Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde - Unochapecó. Pós-doutor em Educação (Uninove, 2017-2018). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2011-2015). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2008-2010). Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE, 2005-2007). Principal foco de atuação e pesquisa: Educação (perspectiva crítica e libertadora), Educação Ambiental (formação de educadores ambientais, ambientaliza-

ção curricular, educação ambiental freiriana escolar e Pedagogia do Meio Ambiente Oprimido), Educação Popular (metodologia e epistemologia de Paulo Freire) e Universidades Comunitárias. Líder do Palavração - Grupo de Estudos, Pesquisa e Documentação em Educação Ambiental Freiriana. Entre as principais obras publicadas estão artigos em revistas científicas e os livros: Primeiras Palavras em Paulo Freire (2008; 2016; 2019), Pedagogia da Memória (2017), Dinâmicas Pedagógicas (2017), Educação Ambiental na América Latina (2018), 365 dias com Paulo Freire (2019).

MARCIA SELAU DOS SANTOS - Possui graduação em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2013), estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia e do curso de especialização em Administração escolar, Orientação e Supervisão. Atualmente é militante e secretária da Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA), participando como integrante do grupo de estudo e pesquisa Paulo Freire e Educação Popular, dos cursos de extensão sobre Educação Popular no contexto escolar e não escolar. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental, Educação Infantil, Orientação escolar, Educação Popular. Tem curso de Educador social realizado no Secretariado de Ação Social da Arquidiocese de Porto Alegre.

Índice remissivo e onomástico

- A**
acervo pessoal, 6, 46, 55,
63, 77, 78
AEPPA, 5, 112, 114, 115,
116
Aída Bezerra, 9
Alfabetização, 17, 91, 93
América Latina, 5, 10, 104,
116
Ana Lucia Souza de Freitas,
46
Ana Maria Araújo Freire,
50, 52
Antônio Gramsci, 31
autonomia, 16, 24, 95
- B**
Beatriz Costa, 9
BRANDÃO, 4, 16, 18, 27,
52, 58, 63, 73, 77, 82, 87,
97, 104, 109
Brasil, 3, 5, 9, 10, 52, 53, 64,
68, 69, 80, 91, 96, 101,
102, 107, 108
Brava Gente, 5, 115
- C**
camponeses, 9
Carlos Rodrigues Brandão, 5,
6, 8, 14, 25, 63, 64, 65, 74,
77, 78, 79, 80, 81, 82, 86,
90, 104, 105, 112, 113
carta, 7, 8, 9, 15, 22, 24, 25,
26, 30, 31, 32, 33, 34, 35,
36, 37, 38, 39, 40, 41, 42,
47, 49, 51, 63, 66, 71, 72,
73, 77, 100, 107
Carta Pedagógica, 7, 24, 25,
26, 47, 48, 49, 51, 56, 57
cartas, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11,
14, 15, 24, 25, 26, 30, 31,
32, 33, 34, 35, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 43, 49, 50, 57,
59, 63, 64, 65, 66, 71, 73,
77, 78, 79, 80, 81, 82, 85,
86
Cartas, 3, 6, 7, 14, 16, 17,
18, 30, 31, 40, 43, 47, 48,
49, 50, 51, 52, 53, 54, 55,
56, 57, 58, 59, 60, 65, 67,
73, 74, 81, 82, 86, 87, 109,
112, 121
Cartas Pedagógicas, 6, 14,
30, 47, 48, 49, 50, 52, 53,
56, 57
catalogação, 5, 6, 77
- Ch**
Che Guevara, 31
- C**
círculos, 9, 82, 83
Claudius Ceccon, 7, 23
Cleiva Aguiar de Lima, 48

- CNPq, 3, 5, 112, 115
 conhecimento, 7, 15, 17, 25,
 26, 32, 33, 35, 39, 79, 85
 Conselho Mundial de
 Igrejas, 23
 cultura popular, 23, 64, 68,
 82, 84, 91, 92, 104, 113
- D**
- dialogar, 17, 38, 39, 40, 41
 Dicionário Paulo Freire,
 112
 documentos, 5, 6, 7, 9, 10,
 64, 65, 77, 78, 79, 80, 81
 Doutorado, 5, 59, 74, 109,
 112, 115, 122
- E**
- Edson Douglas Pereira
 Casagrande, 7, 100, 114
 educação, 3, 7, 8, 9, 10, 15,
 17, 18, 22, 24, 25, 26, 33,
 41, 42, 63, 64, 65, 66, 68,
 70, 72, 73, 77, 78, 79, 82,
 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91,
 93, 94, 95, 96, 97, 100,
 101, 102, 103, 104, 105,
 107, 108, 112, 113, 116,
 121
 Educação Moral e Cívica,
 11
Educação Popular, 5, 6, 7, 14,
 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24,
 25, 26, 27, 48, 63, 64, 65,
 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72,
 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81,
 82, 85, 86, 90, 91, 92, 93,
 97, 102, 103, 104, 105,
 107, 108, 109, 112, 113,
 114, 115, 116
 educadoras, 9, 11, 22, 25,
 41, 59
 educadores populares, 11
 educadores populares., 11
 EJA, 4, 7, 90, 91, 92, 93, 94,
 95, 100, 101, 105, 107,
 108
 emancipação, 16, 17, 27, 86
 epistêmicas, 14
 epistemológica, 17, 24, 26,
 107, 112
 esperança, 11, 92, 95, 109
- F**
- Fernanda dos Santos
 Paulo, 2, 3, 5, 6, 7, 14, 22,
 63, 73, 77, 100, 109, 115,
 121
 filosofia, 8, 9, 80
 Francisco de Assis, 31
 FREIRE, 18, 19, 22, 27, 47,
 49, 50, 56, 58, 85, 87, 90,
 92, 96, 97, 109
 freireano, 49
 freirianas, 30
 freirianos, 30
 fundamentos, 14, 24, 53
- G**
- golpe militar, 9, 10
Guiné-Bissau, 14, 49, 58
- H**
- Henri de Miller, 54, 55
História, 5, 6, 105, 108, 109,
 112

histórico, 5, 7, 9, 24, 77, 79,
91, 107

humanização, 16, 17, 18,
22, 24, 25, 26, 37

I

ideias, 7, 9, 30, 33, 63, 66,
91

igualdade, 11

inclusão, 11

Isabela Camini, 31, 35, 39,
40

Ivano Dickmann, 3, 7, 30,
115, 121

Ivo Dickmann, 2, 3, 6, 14,
47, 116, 121

J

Júlio Barreiro, 10, 68, 69

justiça, 11, 41

L

Latino-americana, 6, 14, 16

Latino-Americana., 5

legado, 40, 48, 49, 51, 52,
56, 57, 59, 112

liberdade, 11, 94, 95, 96

libertação, 16, 17, 18, 24, 26,
36, 84, 86, 93

luta, 11, 15, 17, 22, 25, 26,
27, 84, 90, 93, 96, 101

M

Mario Cabral, 49

memória, 6, 10, 66, 78, 115

Memória, 5, 68, 77, 108, 109,
116

memórias, 11

Mestrado, 5, 52, 97, 100,
105, 113, 114, 115, 122

metodológica, 7, 16, 17, 36

metodológicas, 14, 47, 53,
112

Movimento de Educação
de Base, 9, 92, 102

mundo, 9, 22, 32, 33, 34, 41,
42, 64, 82, 83, 94

N

Nina Ventimiglia Xavier,
48

Nita, 50, 52

O

ontológica, 17, 18, 74

Oscar Jara, 55

Osmar Fávero, 8, 9, 67, 71

P

palavra, 12, 20, 28, 44, 61,
75, 88, 98, 110

palavras, 9, 25, 32, 37, 38,
39, 41, 50, 54, 56, 86, 95

participantes, 9

Pasquim, 7, 23

Paulo Freire, 3, 7, 8, 9, 10,
11, 14, 17, 18, 22, 23, 24,
26, 30, 31, 36, 39, 40, 42,
43, 48, 49, 50, 52, 56, 57,
58, 59, 60, 69, 70, 71, 74,
78, 79, 82, 84, 85, 86, 87,
91, 92, 93, 94, 95, 96, 97,
102, 103, 104, 105, 107,
108, 109, 112, 114, 115,
116, 121

pedagogia, 15, 18, 24, 27,
37, 63, 66, 77, 78, 105

Pedagogia, 5, 6, 10, 11, 14,
16, 18, 19, 22, 25, 27, 30,

34, 40, 43, 47, 50, 58, 59,
87, 92, 97, 109, 112, 115,
116
Pedagogia do Oprimido,
22
pesquisa, 5, 6, 7, 24, 52, 56,
63, 64, 77, 79, 81, 82, 104,
105, 107, 113, 116, 122
pesquisador, 6, 24, 72, 78
política, 10, 17, 26, 33, 34,
37, 59, 70, 81, 85, 91, 92,
93, 95, 100, 102, 105, 108,
109, 115
politicidade, 17
político, 7, 9, 16, 22, 25, 26,
65, 77, 91, 94, 96, 100,
102, 107
povo, 11, 17, 23, 24, 26, 69,
92, 93, 105
PPGED, 5
práxis, 7, 16, 17, 68, 86
problematizar, 17, 24
projeto, 3, 5, 25, 33, 50, 93,
112

R

reflexão, 6, 16, 22, 33, 38,
39, 57, 65, 66, 90, 92, 95,
96
Rosa de Luxemburgo, 31

S

saberes populares, 17, 24
São Paulo Apóstolo, 31
semeaduras, 9
sociedade, 16, 24, 25, 67,
85, 92, 94, 95, 96, 97, 105
stricto sensu, 5
subversão, 10
sujeitos, 16, 25, 63, 65, 66,
79

T

Transformação, 17

U

Unicamp, 5, 68, 80, 85, 95
Unisinos, 5, 53, 115
Unochapecó, 5, 116
Unoesc, 5, 100

V

Viver é Lutar, 9

Editora Livrologia
www.livrologia.com.br

| | |
|--------------------------|--|
| Título | Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico- metodológicos na Educação Popular |
| Organizadores | Fernanda dos Santos Paulo Ivo Dickmann |
| Coleção | Paulo Freire |
| Assistente Editorial | Ivanio Dickmann |
| Assistente Comercial | Julie Luiza Carboni |
| Bibliotecária | Karina Ramos |
| Projeto Gráfico | Ivo Dickmann, Ivanio Dickmann |
| Capa | Ivanio Dickmann |
| Diagramação | Ivo Dickmann |
| Preparação dos Originais | Fernanda dos Santos Paulo |
| Revisão | Tiago Domingues Corrêa Fernanda dos Santos Paulo |
| Formato | 14 cm x 21 cm |
| Tipologia | Book Antiqua, entre 8 e 15 pontos |
| Papel | Capa: Supremo 280 g/m ² Miolo: Offset 90 g/m ² |
| Número de Páginas | 140 |
| Publicação | 2020 |

Queridos leitores e queridas leitoras:

Esperamos que esse livro tenha sido útil para você
e seu campo de leitura, interesse, estudo e pesquisa.

Se ficou alguma dúvida ou tem alguma sugestão para nós,
Por favor, compartilhe conosco pelo e-mail:
franquia@livrologia.com.br

PUBLIQUE CONOSCO VOCÊ TAMBÉM
ENCONTRE UM FRANQUEADO LIVROLOGIA
MAIS PERTO DE VOCÊ
www.livrologia.com.br

Trabalhos de Conclusão de Curso
Dissertações de Mestrado
Teses de Doutorado
Grupos de Estudo e Pesquisa
Coletâneas de Artigos
Poesias e Biografias

EDITORA LIVROLOGIA
Rua Vicente Cunha, 299
Bairro Palmital - Chapecó-SC
CEP: 89.815-405
(49) 98916-0719
franquia@livrologia.com.br



O PRESENTE LIVRO RESULTA DA PESQUISA FINANCIADA PELO CNPQ ATRAVÉS DA CHAMADA MCTIC/CNPQ n 28/2018 – UNIVERSAL/FAIXA A.

O PROJETO TEM COMO TÍTULO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR A PARTIR DO LEVANTAMENTO E CATALOGAÇÃO DAS CARTAS DE CARLOS RODRIGUES BRANDÃO. CONTRIBUIÇÕES PARA A PEDAGOGIA LATINO-AMERICANA.

O PROJETO É COORDENADO PELA PROFESSORA FERNANDA DOS SANTOS PAULO, EDUCADORA POPULAR E PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÕES STRICTO SENSU (MESTRADO E DOUTORADO) DA UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA: PPGED/UNOESC. NESTE PROJETO PARTICIPAM PESQUISADORES/AS E ESTUDANTES DOS CURSOS DE MESTRADO, DOUTORADO, ESPECIALIZAÇÃO E GRADUAÇÃO.

TAMBÉM, EDUCADORES/AS INSERIDOS/AS EM MOVIMENTOS POPULARES, CONSIDERAMOS O PROJETO DE PESQUISA, EM EXECUÇÃO, DE GRANDE RELEVÂNCIA AO CAMPO HISTÓRICO-EDUCACIONAL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA, EM PARTICULAR PARA A EDUCAÇÃO POPULAR. DESTACAMOS A CONTRIBUIÇÃO ADVINDA DE DOCUMENTOS INÉDITOS: AS CARTAS DO EDUCADOR CARLOS RODRIGUES BRANDÃO.

ALÉM DA UNOESC/PPGED PARTICIPAM DESSE PROJETO, PESQUISADORES VINCULADOS ÀS SEGUINTE INSTITUIÇÕES:

- UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)
- UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECO (UNOCHAPECO)
- ASSOCIAÇÃO DE EDUCADORES POPULARES DE PORTO ALEGRE (AEPPA)
- MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR (MEP)
- INSTITUTO SOCIAL BRAVA GENTE.

